



ABAETÊ-TAPEJARA.

Perfil de Saul Alves Martins,
preceptor de muita ciência,
no dia de seus setenta e sete anos.

João Bosco de Castro.

Talento-guia que o cinzel apronta
Ao aprendiz que estala a pedra-bruta
E aguçá-lhe o buril, horas sem conta:
Qual Salomão, repaz em templo a gruta!

Idéia viva que ilumina a mente
E esmiúça os meandros da evidência,
Em conceito profundo e transparente:
Qual Rousseau, tem cultura por ciência!

Prodígio para o bem — Abaetê!
Grão-Tapejara — erudição comprida:
Qual Vieira, estortega o chão mais duro,

Onde planta a razão que dá mercê!
Mestre: quia talentos para a Vida!
Obreiro: tece a Vida pro Futuro!

Belo Horizonte-MG, 1º de novembro de 1994.

João Bosco de Castro

Editorial

CANÇÃO DA TERRA

(pensamentos por emoção).

João Bosco de Castro. *

O Antropólogo-Folclorólogo **Saul Alves Martins** renovou, em 1998, sua poética e deleitosa **Canção da Terra**, dada a lume em 1955.

Tal Livro dissemina encantamento entre os espíritos sensíveis à Beleza, mediante versos regozijantes e deliciosamente amenos.

Saul Martins é Poeta, por agradável, não por verzejador! Em prosa e em verso, Ele é maravilhoso, sugestivo e enfeitiçante, porque recriador, na voz de Teodoro de Cirene: “... tornamo-nos agradáveis, servindo-nos de expressões novas... o pensamento é paradoxal e não está de acordo com a opinião (...) admitida.”

Saul é Poeta em prosa, como n’O *Catrumano*, de **Os Barranqueiros**, mas refinadamente Poeta nos versos de **Canção da Terra** e **Lagartas-de-Fogo**: Poeta por realizador da alogicidade metafórica palpitante na coisa diferente e insinuada pela palavra plurissignificativa, por mestre no arranjo do presente-eterno embutido na a-historicidade irrefutável da conotação renovadora, e por hábil na arquitetura da abstração verbal contida na anarratividade implícita em estados de alma em vez de em acontecimentos ou ações.

Em **Canção da Terra**, a singeleza das coisas torna excelsa e inexplicável a dimensão lírica da palavra estética, em sublime consórcio com a expressão musical esparsa em figuras de linguagem, cesuras, métricas, rimas e ritmos engenhados para fazer transmutações sensoriais do feio e nojento para o bonito e virtuoso, como em **Arrudas**: soneto lírico tecido em decassílabos entre heroicos e sáficos. A habilidade estética de Saul torna belo e delicioso o atual sujo e desagradável Ribeirão Arrudas, CARRANCA PÁGINA 2

impiedosamente massacrado por esgotos fedorentos e podres da Capital Mineira.

Eis o bucolismo concomitantemente zoomorfizador e antropomorfizador fulgente no primeiro terceto dessa dádiva poética:

“Já não abrigas em teu seio a vida,

Fogem-te os beijos da perdiz garrida

E a frescura do verde palmeiral.”

Pelo “*inutilia trúncat*” dos Árcades, o desejado Poeta-Coronel barranqueiro de Januária humaniza, com suavidade, a vida circunjacente ao ribeirão infectado por dejetos expulsos por esfíncteres do homem.

O poder mágico da metáfora, na primeira quadra do primeiro dos três sonetos constitutivos do poema **Flagelados**, recria fenômenos cotidianos da existência:

“A tarde era tão bela e bruscamente

O manto azul do céu desaparece,

O vento ladra, já raivosamente,

E todo o firmamento se enegrece.”

Mesmo em canções heroicas, Saul Alves Martins mostra-se apazivelmente lírico, à moda parnasiana de emprestar plástica individualista e emocional, com fulcro no presente-eterno, às situações históricas e históricas da labuta humana, como o faz na última estrofe e estribilho da **Canção do Lavrador**:

“Em casa, à noite, do labor cansados,

Tocais viola, namorando a lua,

Canta o vaqueiro, ao longe, além do prado,

Editorial

Descendo a estrada nua,

A recolher o gado.

Multiplicai os campos verdejantes,

De raça forte sois representantes!”

Em **Canção da Terra**, Saul Alves Martins reconsagra-se Poeta, com apurada e louvável sensibilidade artística e indiscutível técnica de urdidura do verso tradicional: métrica, escansão, harmonia vertical e horizontal (ritmo dos versos e das estrofes), cesura, rima, estrofação, eufonia e literariedade. Isso esplende em sonetos (inclusive com extensão linear de redondilhos maiores e dissílabos, numa geometria raríssima), acrósticos, poemas de variada estrutura (estrófica, métrica, melódica e frasal), canções e trovas. Ele faz, provavelmente como exercício estético-intelectual, alguns poemas tramados em versos livres, dentre os quais **Saudação à Bandeira** assume suprema grandeza:

“Tu resumes toda a história do nosso povo,

Seus anseios de independência

E sonhos de liberdade.

Tremulaste gloriosa em frentes de batalha,

Aqui

E além...

(...)

Bandeira do Brasil,

Eu te saúdo!”

Canção da Terra ilustra e revigora a juventude literária de Saul Alves Martins: Poeta recriador da vida pela

magia conotativa da linguagem e articulador da complexidade rítmico-emotivo-conceptual dos conteúdos da imaginação, fonte melhor do Belo, por meio de palavras sugestivas e polissêmicas.

Hoje, quando se comemoram cem anos redondos e respeitáveis de seu nascimento “*no chão da estrada velha do Pandeiro*”, Freguesia norte-mineira de Januária, nosso Desejado Poeta, “lá do outro lado do caminho” da banda transversa da Terceira-Margem do Léthys, nas sensações estéticas e expressões grandiloquentes, continua sua revolução intelectual de agradar aos espíritos amantes da metáfora, eruditos ou brutos, com seara de versos originária da sementeira de pensamentos por emoção.

Belo Horizonte - MG, 1º de novembro de 2017.



***JOÃO BOSCO DE CASTRO:** Professor de Línguas e Literaturas Românicas, Ciências Policiais, Ciências Militares da Polícia Ostensiva, Ética, Historiografia de Polícia Militar e Crítico Textual aplicada às

Ciências Militares. Oficial reformado da PMMG. Romancista, contista, poeta, ensaísta e crítico literário. Jornalista do Pontopm.

Rua Epídoto, nº 143 – Santa Teresa, CEP 31010-270 6 Belo Horizonte - MG. jbocastro@gmail.com 31-30827699, 31-984321539

Lembranças

80 ANOS DO FOLCLORISTA PROFESSOR SAUL MARTINS

Domingos Diniz



A um bom folclorista pede-se erudição. Vastíssima erudição possui o professor Saul Martins. Disciplina científica também é necessária. O Saul vai mais longe com a disciplina militar. É preciso vontade. Para as coisas do popular, Saul tem mais que vontade. Move-o a chama sagrada sertaneja

que incendeia a alma do sertanejo das barrancas do São Francisco, onde nasceu o mestre Saul, em sua querida Januária, em 1º de novembro de 1917. Levado pelas forças atávicas e telúricas, Saul penetra no mundo do folclore e desvenda-lhe os encantos, as sabedorias, na sua vasta obra. Mais do que uma dezena de títulos, entre os quais se destacam “Folclore: Teoria e Método; O Folclore em Minas Gerais; Os Barranqueiros e Antônio Dó, agora em 3ª edição. Sem falar em centenas de artigos dispersos em jornais e revistas. Mais ainda conferências e palestras.

Sua vida é intensa nos mais variados setores. Bravo militar da Polícia Militar de Minas Gerais, onde chegou a coronel e ocupou todos os cargos de comando. Doutor em Ciências Sociais pela UFMG, com defesa de tese. Antropólogo, pesquisador arguto. Poeta. A poesia cabe em tudo. Membro do Conselho Administrativo da Escola de Serviços Penitenciários “João Franzen de Lima” e do Conselho de Criminologia e Política Criminal de Minas Gerais. Vai abrindo caminhos, ganhando títulos merecidíssimos. Belo-horizontino honorário. Mestre do Ano em 1963, Construtor do Progresso, FIEMG 1982. Personalidade-Destaque 1977 do jornal Estado de Minas. Diretor Geral das Escolas Caio Martins.

Pertence a várias instituições culturais no Brasil e no exterior. É patrono de bibliotecas, clubes de leitura e, especialmente, do Museu de Folclore da Comissão Mineira de Folclore. Pai e criador do museu,

que se acha instalado em Vespasiano. Esse museu é a menina dos olhos do Saul. Grande parte do acervo foi amealhado pelo Saul ao longo de sua vida.

Juntamente com o Prof. Aires da Mata Machado Filho, Saul carregou nas costas a Comissão Mineira de Folclore. É hoje o seu presidente de honra e o único dos 28 fundadores em plena atividade.

Seu livro “Antônio Dó” foi transposto para o cinema, longa, com muito sucesso.

Casa-se com d. Julinda Garcia Junqueira. Da união advêm 5 filhos, 18 netos e 3 bisnetos.

Saul Martins é um professor nato. Apesar de aposentado, continua dando aulas magníficas. Em sua própria casa, nas palestras, nos encontros com os



amigos. Até pelo telefone. No mês de agosto seu telefone não para. A todos atende com presteza, com carinho. Não regateia o ouro do seu saber. Reparte-o a todos.

Ao completar 80 anos de vida, bem vividos, podemos dizer, em alta voz, o professor Saul Martins é desses que se tornam traços de união entre o que se vê e o que não se vê, entre o que não se compreende e o que se compreenderá um dia. (Domingos Diniz – Membro da Comissão Mineira de Folclore – Professor da Escola Guignard / UFMG)

Lembranças

AMIGO SAUL,

Antônio Henrique Weizel

O Senhor Presidente da Comissão Mineira de Folclore houve por bem designar-me, na condição de mais antigo membro desta Instituição – o decano (como se diz comumente, já que minha Carta de Membro é datada de 22.08.1965) – para saudá-lo nesta grata ocasião em que comemoramos o 60º aniversário de fundação de nossa querida Comissão e, ao mesmo tempo, o 90º natalício de nosso glorioso fundador, o qual, integrando uma plêiade magnífica de 28 eméritos folcloristas, instalaram eles, em 19 de fevereiro de 1948, nesta capital das Alterosas, a Comissão Mineira de Folclore, a primeira do país, após a criação, no Rio de Janeiro (RJ), em 7.11.1947, da Comissão Nacional de Folclore, no Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBCEC), órgão da UNESCO, pelo inesquecível ministro Renato Almeida, credor da maior gratidão de todos quantos se dedicam à defesa e divulgação de nossa cultura popular tradicional.

AMIGO SAUL,

Eu não pretendo discursar. Você já deve estar farto de ouvir tantos discursos ao longo de sua brilhante e produtiva existência. Também não quero falar de sua prolífera obra folclórica já de todos sobejamente conhecida. Fujo igualmente de enumerar seus cargos, seus títulos, os congressos de que participou desde aquele sempre lembrado I Congresso Brasileiro de Folclore, em agosto de 1951, no Rio de Janeiro (RJ), integrando a Delegação Mineira. Nada de discurso!...Quero tão somente conversar com você.

Devo meu ingresso nesta seleta Comissão Mineira de Folclore exclusivamente a você, por proposta sua como seu secretário. Em agosto de 1963 eu havia participado de um Curso de Folclore promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora e pelo Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora, dado pelo ministro Renato Almeida, e encantei-me com o tema. No ano seguinte, assisti a uma palestra do saudoso Mestre Aires, presidente da Comissão Mineira de Folclore, e que foi lida em “braile”, uma novidade para mim, nas dependências da minha Universidade. E cuidei de passar adiante aquele encantamento. A pedido da Universidade, montei um Curso de Folclore, em nível de Extensão Universitária, de março a novembro de 1965, na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora. Mas eu queria um

aval da Comissão Mineira de Folclore. E vim a Belo Horizonte, sem saber aonde me dirigir. Fui então à Secretaria Estadual de Trabalho e Ação Social, onde me disseram que o Coronel Saul, secretário da Comissão, estaria ali logo em seguida. E ocorreu o meu primeiro dos muitos encontros que tivemos pela vida afora. Você me recebeu com sua proverbial elegância, distinção e atenção. Expus-lhe o objetivo de minha missão na capital e recebi total apoio em nome da Comissão. O Curso, que ministrei sozinho, o primeiro em nível de Extensão Universitária na minha cidade natal, com duração de nove meses, logrou um êxito sem par. Nesse mesmo ano de 1965 tive a alegria de ver meu nome aprovado para integrar esta douta Comissão – data da Carta de Membro assinada pelo Prof. Aires da Mata Machado Filho – Presidente: 22 de agosto de 1965.

E, a partir de então, anualmente, fui conhecendo novos membros que vieram enriquecer este nosso quadro vitorioso. Participamos juntos de um número sem conta de cursos que demos por esta Minas Gerais afora, essa uma tarefa primordial de nossa Comissão. Lembro-me bem dos difíceis primeiros anos. Não tínhamos pouso fixo para as reuniões: éramos nômades da cultura, armando nossas tendas onde conseguíamos lugar. Certa feita, encontramos fechadas as portas do local da reunião. E você, Saul, nos levou então para o seu apartamento ali perto, onde pudemos nos reunir, e com lucro, pois sua dedicada Dona Julinda nos brindou com café e quitutes. Outra vez, fomos despejados, seu museu – menina de seus olhos – encaixotado e largado num porão. Fomos também roubados – o pouco que tínhamos – quando sediados no Edifício JK. E mais recentemente, por não termos as chaves da sala, chegamos a nos reunir nas escadas internas deste prédio. Mas valeu a pena tanto sacrifício, pois hoje podemos usufruir enfim uma segurança neste Centro de Tradições Mineiras.

AMIGO SAUL,

Li na Bíblia, no livro do Eclesiástico, cap. 3, versículo 3: “**Deus enim honoravit patrem in filiis** = Deus glorifica o pai nos filhos”. Reproduzindo tal sentença, eu diria: “*Deus glorifica o mestre nos discípulos.*” Pois bem, Saul, isto é o que está acontecendo aqui agora: você rodeado de tantos folcloristas, amigos e discípulos seus, aos quais transmitiu sua valiosa erudição, seu profundo conhecimento da cultura popular, especialmente no artesanato, pedra de toque de seu vastíssimo saber folclórico. Agora somos muitos, com a adesão de

Lembranças

novos companheiros, que certamente não deixarão extinguir aquela chama de idealismo que você, integrando um grupo de 28 bravos folcloristas mineiros, acendeu há sessenta anos atrás, no distante 19 de fevereiro de 1948.

O colega Domingos Diniz, ao comemorar você os seus 80 anos bem vividos, num brilhante artigo publicado no jornal Corrente, de Pirapora, em 7 de novembro de 1997, declarou alto e bom som que você, juntamente com o mestre Aires, carregaram

nas costas a Comissão Mineira de Folclore. Agora, Saul, você pode arriar o doce fardo, que outros ombros mais jovens se apresentaram para dar prosseguimento à sua magnífica e meritória obra.

Receba de todos estes seus discípulos e continuadores a entusiástica manifestação de nosso reconhecimento e gratidão por todos esses anos de tanta dedicação.

Muito obrigado, AMIGO SAUL!...

Antônio Henrique Weitzel



Foto: Dona Julinda, Saul, Antônio Weitzel e esposa



Lembranças

Saul Martins: trovador da Terra.

Antonio de Paiva MOURA

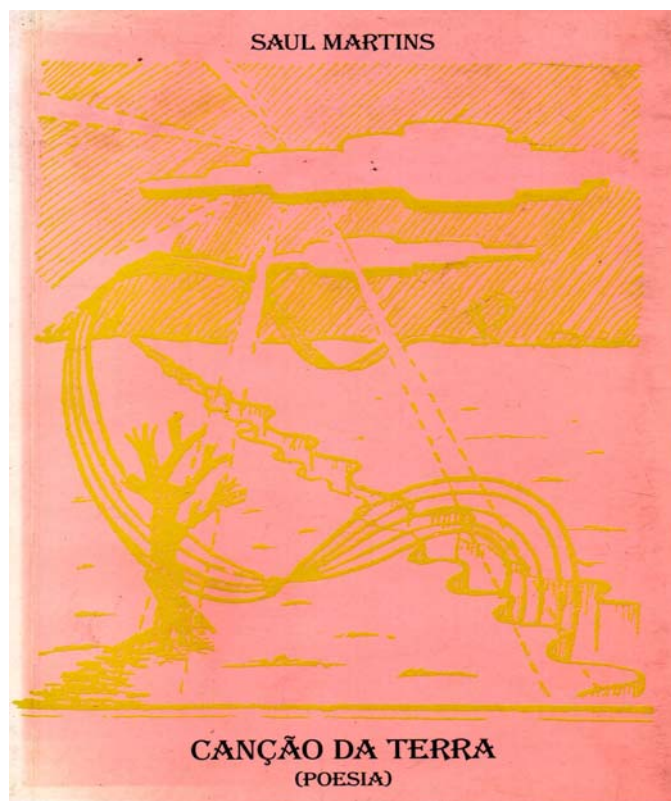
Canção da Terra: Mais uma preciosidade de Saul Martins. Belo Horizonte: O Lutador, 1998. Transcorrem 44 anos do lançamento de seu primeiro livro, A dança de São Gonçalo, em 1954.

“Canção da Terra” é dedicado à sua esposa Julinda Garcia Martins. É por começar assim que o livro se reveste da mais alta significação pois revela no autor a sua admirável capacidade de amar. Permita-me caro leitor, criar um termo para definir Saul Martins. Ele é um homem “pan-amoroso”, isto é, dotado do inesgotável bem do saber amar a natureza, com sua misteriosa e imensa fauna; com sua bela e encantadora flora; com seu meio físico visível e ao mesmo tempo oculto. Ele sabe amar também o infinito indecifrável. Devota a seus amigos um amor filial; dedica-se com todo o fulgor de sua alma às instituições em que milita. É assim seu livro de poesias.

“Canção da Terra” é apresentado pelo acadêmico e historiador João Bosco de Castro que está impecável em sua análise dos pontos de vista estilístico e semiótico. Acrescento apenas que Saul Martins resgata, com este livro, o humanismo romântico que vem sendo destruído pelo torpe materialismo e pelo cego individualismo de nossos dias.

A vocação poética de Saul Martins o fez estilisticamente eclético, com passagem pelo Parnasianismo, como atesta o poema “Perfeição”. Soneto em rima rica: mimosa com lacrimosa - sonhador com trovador - rosa com formosa - valor com amor. Além disso, visita o Simbolismo, ponto forte da poesia mineira do começo século que agora chega ao fim. Nunca o sentimento esteve tão valorizado como no Simbolismo, presente em Saul Martins, no poema “Carta íntima”: (...) - Meu triste amigo: há muito pão cruel / Que nós comemos sem sentir o fel (...). Mas encerrando esta resenha quero apenas dizer que o Ecletismo de Saul Martins é uma qualidade muito própria dos mineiros. O Ecletismo significa o veio conciliador, sem o qual não há amor.

Publicado no jornal “Carranca”, Comissão Mineira de Folclore, fev. de 1999.



ARTIGOS

Comemorações do Centenário de Saul Martins: sua importância para Januária e o povo norte mineiro!

Prof. Carlos Ceza de Carvalho¹

1



De forma concreta a importância de Saul Alves Martins para sua gente: parentes, amigos e conterrâneos não tem tamanho.

Ao analisar os relatos de seus parentes, especialmente de sua filha Jiçara Martins e amigos, pude perceber ricos fragmentos para sua biografia. Segundo os relatos, Saul Martins nasceu em uma estrada, sobre um carro de boi, transporte mais comum na época. De acordo com as histórias dos pais Justino Alves Gobira e Maria Moreira Martins Gobira, quando Saul nasceu precisou ser envolvido em algodão e podia caber no bolso do paletó do pai por ser prematuro e por isso, pequeno demais.

Segundo relatos da sobrinha Rosa Maria, que morou com seus pais, Saul Martins estava sendo levado para nascer em Januária pelas mãos da parteira Mãe Judith, mas não deu tempo. Após o nascimento, veio para Januária e aqui permaneceu por um bom tempo devido as condições difíceis onde os pais residiam – zona rural; e ter nascido prematuro. Neste ponto lembrei do trecho da obra de Euclides da Cunha que dizia **“O sertanejo é, antes de tudo, um forte!”**. Imagina nascer numa situação difícil e chegar aonde chegou! Saul é mesmo motivo de inspiração e exemplo para nós.

Importante registrar aqui o comentário do nosso presidente da Comissão Mineira de Folclore – CMFL - Prof. José Moreira sobre o selo que foi lançado em Januária: “há um carro de boi para lembrar que o infante Saul nasceu na estrada, fora do tempo, pesando 500 gramas. Coisa de atenção de Todos os Santos. O quase inviável menino viveu 92 anos. Já imaginaram se ele nascesse no tempo certo?”

De um ponto a outro, quantas participações, quantos feitos e realizações, tendo uma família grande! Família consanguínea e outras tantas de considerações pelas amizades feitas nas atividades sociais e profissionais e na carreira militar tão ovacionada e comemorada.

Este preâmbulo inicial talvez ainda não consiga expressar o tom da importância dessa nobre figura para os nor-

te-mineiros de Januária e Região Barranqueira do São Francisco. Mas o tamanho da figura que nasceu em um carro de Boi se tornou tão grande que não é possível mais falar da importância dele para Januária e região, mas para o povo brasileiro.

Foram tantas realizações como Militar, Professor, Antropólogo, Poeta, Escritor, Folclorista, compositor dos hinos da Polícia Militar de Minas Gerais, do 30º batalhão da PMMG em Januária e do hino da cidade do Bonito de Minas. Compositor que tinha traços melódicos nas letras e versos. E o impressionante, não tocava nenhum instrumento musical nem tinha formação musical. Mas talento não lhe faltava!

É importante falar da geografia neste contexto, pois Januária município situado no lado esquerdo na Região do Médio São Francisco era o maior município em extensão de terra e foi gradativamente, com passar do tempo, sendo desmembrado com as emancipações políticas.

O distrito onde nasceu Saul, nos sertões do Tejuco, às margens do Rio Pandeiros, foi elevado à categoria de município com denominação de Bonito de Minas com a lei estadual nº 12.030 de 21-12-1995. Assim, Saul é de Januária, é do Bonito de Minas. É um educador, cidadão do mundo.

Em 1º de novembro 2017 foi realizada a abertura das comemorações do Centenário de nascimento de Saul Martins que teve como programação: o lançamento do Selo Comemorativo pelos correios; o lançamento do documentário do Mestre Saul Martins - Sua Vida e Sua Obra e o lançamento da campanha de preservação do acervo da biblioteca Saul Martins do IFNMG-Campus Januária entre outras atividades culturais do gênero.

O acontecimento foi idealizado pelos membros da Comissão Mineira de Folclore, Prof. Carlos Ceza de Carvalho, Bibliotecário do IFNMG Campus Januária e Ros'elles Magalhães Felício, professora e coordenadora do Campus da Unimontes Januária, com apoio da Comissão do Centenário Saul Martins em Januária.

ARTIGOS

Na sua extensa biografia, Saul Martins ocupou o posto de Coronel da Polícia Militar, foi professor e poeta com vários livros publicados, antropólogo, atuando como escritor sutil das percepções da Cultura Popular, e das formas de sociabilidade tradicionais, expostas no interior de Minas Gerais, especialmente as rodas de São Gonçalo. Nessa condição, deixou um legado na descrição e na sistematização das formas de expressão cultural do interior do Brasil.

Saul Martins foi pioneiro em apresentar grupos folclóricos como o São Gonçalo e Folias de Reis no Palácio das Artes em BH.

Em relação ao evento de 1º de novembro de 2017, esse foi apenas a abertura das comemorações do centenário de Saul Martins, que conforme a programação serão estendidas até 2018.

Saul ao ser o Primeiro Secretário da CMFL na Gestão de Aires da Mata Machado Filho -1948-1980, fez dessa convivência imbricada uma relação de parcerias e aprendizagem ao ser trilhado pelas mãos de Aires. Juntos tornaram-se um pilar da nossa comissão junto com outros grandes nomes fundadores.

Realizamos esse trabalho, cumprindo com a proposta da comissão criada para o Centenário de Saul Martins em Januária-MG em parceria com a Campanha da Biblioteca do IFNMG- Campus Januária que tem como patrono o nosso grande educador Saul Martins.

Como membro da Comissão Mineira de Folclore, após participar da semana do folclore em agosto de 2017, voltei para Januária com o desafio de fazer também uma homenagem a este grande personagem que é um dos pilares fundador de várias obras e instituições, dentre as quais, a Comissão Mineira de Folclore.

Pelo fato de Saul ser de Januária e estar sendo homenageado pela CMFL que tem como presidente o Prof. José Moreira em BH, reuni vários amigos e parceiros, em Januária, e propus a eles o desafio de participar comigo de uma comissão aqui em Januária para tratar do Centenário. Visto que percebi que ninguém mais de Januária estaria preparando alguma comemoração a respeito. Graças a Deus consegui cativar e entusiasmar a todos. Como estratégia resolvi realizar a solenidade na sede da Biblioteca Saul Martins no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Januária.

Durante o evento tivemos várias falas bonitas, poesias, nota do comando geral da polícia Militar em Minas lida pelo comandante do 30º Batalhão Ten. Cel. Paulo Sérgio que também é membro da nossa comissão para o Centenário. Essa comissão conta com membros do IFNMG, Unimontes, Casa da Memória, AJL-Academia Januarense de Letras, Centro de Artesanato, Sesc. Além da parceria com o amigo Deniston Diamantino e da Secretaria de Cultura/Turismo da Prefeitura Januária.

Tivemos também boa participação do povo de Bonito de Minas que veio numa comitiva animada e teve um apoio do Prefeito Zé Reis. Além da cobertura da TV local.

Em minhas pesquisas, percebi que o Prof. Saul é muito querido e respeitado pelos norte-mineiros. O seu centenário não poderia deixar de ser comemorado em sua terra natal. Por isso, as motivações e ideias do professor José Moreira tinham que ser consideradas e transformadas em ações significativas. E ser pioneiro no estado fazendo lançamento das comemorações do centenário de Saul Martins, lançando um selo que marca a história do nosso homenageado, que ficará conhecido no cenário nacional e/ou mundial, é muito gratificante para alguém que não é de Januária, mas que reside aqui.

Ainda é importante relatar que Saul Martins, como Antropólogo/Folclorista foi muito importante para o Norte de Minas ao defender sua dissertação de mestrado com a biografia do cangaceiro Antônio Dó e sua tese de doutorado com o título “Contribuição para o estudo científico do artesanato”, ambos publicados na forma de livro.

Na antropologia descobriu os estudos folclóricos, não apenas como fonte de dados para posteriores análises, mas também como um rico material de discussão. Também publicou vários livros, além de contribuições em coletâneas. Na sua veia poética o poema “Flores do Campo” foi considerado um dos dez melhores sonetos da fase contemporânea em Minas Gerais, que gerou ao Saul o prêmio recebido pela Academia Mineira de Letras em 1951. Por tudo e por todos, salve Saul Martins! Salve a Comissão Mineira de Folclore! Segue a sua bibliografia:

- **Canção da Terra.**(Poesia). Belo Horizonte. Editora “O Lutador”. Belo Horizonte. 1952.
- **A dança de São Gonçalo.** Edição Mantiqueira. Belo Horizonte.1954.
- *Opúsculo (1): artes e ofícios caseiros.* Separata da Revista do Arquivo. CLXIV. Obra premiada pela Discoteca Pública Municipal de São Paulo, 1959.
- **Os jogos infantis e as cantigas de roda.** Edição do Centro Regional de Pesquisas Educacionais.MEC-INEP.Belo Horizonte, 1962.
- *Opúsculo (2): o artesanato no Serro.* Edição da Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 1964.
- **Folheto (2): uma oficina em cada lar.** Edição da Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular de Minas Gerais. Belo Horizonte.Foi lema de Governo (Magalhães Pinto), 1964.
- **A Indústria Caseira em Pitangui.** Publicação da Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.
- *Opúsculo (4): proteção ao artesanato.* Edição da Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte, 1966.

(*) Membro da Comissão Mineira de Folclore, Criador e coordenador da Comissão do Centenário Saul Martins em Januária-MG, Bibliotecário do IFNMG Campus Januária.

ARTIGOS

SAUL MARTINS – UM GRANDE MESTRE

João Naves de Melo

Ainda muito jovem conheci Saul Martins. Eu era diretor de uma unidade das Escolas Caio Martins em São Francisco e ele presidente do Conselho Diretor da mesma instituição, para nós, na época, Major Saul. Ele nos visitava regularmente e, com o tempo, fomos sedimentando uma amizade muito grande, tendo-o como um guia educacional e, depois, cultural. À época eu desenvolvia um trabalho com os alunos da unidade, todos oriundos do meio rural – meninos e meninas. Recolhia deles manifestações de sua cultura – danças, cantos, lendas e histórias. Fazia isso para enriquecer o conjunto de canto, dança e jogral que mantinha no estabelecimento e, ainda, como meio de conhecê-los melhormente e fazer uma melhor interação entre eles. Funcionou e nosso conjunto ficou famoso. Conhecendo esse trabalho, Saul nos deu um rumo: o folclore. Sim, eu fazia meu trabalho com sentido educacional sem o alcance da cultura, ou seja, a presença do folclore que não me despertara ainda, como arte. Saul valorizou e incentivou o trabalho e despertou a minha atenção para tão nobre ciência. A partir daí comecei a publicar, semanalmente, uma coluna no jornal local, com o simples e expressivo título FOLCLORE, focalizando as manifestações da cultura local. Passado o tempo, fui premiado com a minha admissão na Comissão Mineira do Folclore, indicado pelo Saul, com diploma assinado no dia 22 de agosto pelo então secretário Ayres da Mata Machado Filho, que mais tarde conheci em Pirapora falando sobre uma famosa lenda barranqueira, “A Décima do Rio Abaixo”, que eu publicava em capítulos. Lendo tais publicações, Saul incentivou-me e cobrou a conclusão e publicação da pesquisa. Levei anos para avançar no trabalho até que consegui gravar a décima e, que ficou nisso, pois com menos de um mês depois o violeiro e cantor da décima morreu, espalhando mais terror sobre ela, e nunca mais a ouvi. O que apurei será publicado no

livro que está no prelo, O Folclore de São Francisco, uma homenagem ao mestre Saul Martins.

Saul, como pessoa agradável, de conversa afável e instrutiva, sempre descortinando conhecimentos que iluminavam minha vida de jovem – fui aprendendo com ele e ganhando, a cada dia, mais amor pelo rio São Francisco, que ele dizia ter o barranqueiro plantado o umbigo.

Ele muito me ensinou – contava casos e eu os absorvia. Falava muito sobre o livro que rascunhava contando a vida de Antônio Dó e as dificuldades que encontrava para obter uma fotografia do bandoleiro, que um escritor são-franciscano possuía, mas não o agradeceu de jeito nenhum. Ele adorava a melancia das vazantes do rio São Francisco. Outras não serviam. Comi-as com vagareza, raspando a cuia com colher. Lembro-me de uma brincadeira salutar que ele aprontou para cima do piloto que o conduzia pelos céus do Norte Minas, major Pedrinho, com uma melancia. Depois do jantar, ele partiu uma melancia ao meio, cuidadosamente, saboreou o miolo, raspando o miolo com uma colher até chegar ao branco interior da casca, depois, cuidadosamente, uniu as duas bandas e colocou a fruta sobre uma mesa, na sala de entrada de minha casa, com uma faca e uma colher ao lado. Chegando da rua, mais tarde, quando todos já se encontravam recolhidos em seus aposentos, major Pedrinho, deparou-se com o presente e riu satisfeito diante da generosidade do amigo. Alegre tomou a faca para partir a fruta, mas a segurá-la, ela abriu em duas partes e viu que o miolo já não existia. Percebeu o engodo e nos deu motivos para muitos risos ao amanhecer. Era assim o Saul, de convívio alegre e fácil, generoso e cortês.

Ele assistia às sessões do grêmio estudantil de nossa escola e se emocionava, em todas as ocasiões, quando os jovens cantavam o Hino às Escolas Caio Martins, com fulgor, compenetração e alegria – era dele a letra – “Se da Pátria os anseios ouvis, se quereis uma infância feliz...” Ainda nos dias atuais, este hino é fator de união fraterna de todos

ARTIGOS

os alunos que passaram pelas Escolas Caio Martins, uma lembrança indelével do grande mestre. Emocionado ele aplaudia, quando uma criança declamava com toda candura o maravilhoso soneto de sua autoria, Flores do Campo.

Numa certa quadra, Saul nos surpreendeu com inesperada visita e, mais ainda, com o acompanhante que levava: o escritor Mário Palmério. Ficaram, dos dois, por alguns dias em minha casa. Durante o dia faziam incursões pelo interior do município e, à noite, conversavam demoradamente no alpendre da casa aliviando-se do calor, que no Norte é bravo. No desenrolar das conversas, e por informação do Saul, fiquei sabendo do propósito da visita e das incursões no interior: Mário Palmério, que estava reunindo dados sobre a obra de Guimarães Rosa com o

fim de preparar seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, eleito que fora para ter assento na cadeira do grande escritor. Saul, em tal desiderato, foi o condutor da pesquisa e eu, por minha vez, privilegiado pela visita de um notável acadêmico.

O mestre Saul me encorajou tanto! Colocou-me no rumo e gosto pelo Folclore, o que tomei como parte de minha vida. Incentivou-me o gosto pela literatura e, com isso, vários livros escrevi e publiquei, todos levando a alma, os costumes, os modos de nossa gente das barrancas do Velho Chico e urucuiana, enfim, o nosso mundo barranqueiro. Levo, nas páginas que escrevo, sempre, a memória do grande mestre e amigo, major Saul Alves Martins, que, com dona Julinda e filhos, passou a ser parte de minha família.



**Celebrações em Januária:
1 de novembro de 2017**

Histórico da CMFL

Saul Martins*

Por sugestão de Renato Almeida, vinte e oito intelectuais mineiros – professores pesquisadores e escritores -, reunidos no Conservatório de Música, criaram e instalaram a Comissão Mineira de Folclore, em 19 de fevereiro de 1948. Eram eles: Aires da Mata Machado Filho, Angélica Rezende Garcia de Paiva, Antônio Carlos, Antônio Joaquim de Almeida, Branca Carvalho de Vasconcelos, Edelweiss Teixeira, Fausto Teixeira, Flausino Rodrigues Valle, Francisco Inácio Peixoto, Franklin Sales, Heli Menegale, Henriqueta Lisboa, Jarbas de Carvalho, João Braz da Costa Val Filho, João Camilo de Oliveira Torres, João Dornas Filho, José Augusto Neves, Levi Braga, Levindo Lambert, Lúcia Machado de Almeida, Manoel Ambrósio Júnior, Maria Orminda da Mata Machado, Mário Lúcio Brandão, Nelson de Senna, Saul Alves Martins, Sílvio do Amaral Moreira, Tabajaras Pedroso e Ursulina Pitaguary. Destes, sobrevivem dois: eu e Lúcia.

Por aclamação, foi eleito presidente o número um da lista, o qual tomou posse do cargo ainda na histórica reunião.

Minas foi o primeiro estado da Federação a organizar-se para estudo, pesquisa, análise e divulgação do Folclore.

Outros estudiosos se juntaram a nós. A Comissão cresceu e foi prestigiada pela Comunidade e pelo Governo. Conta hoje com trinta e nove membros efetivos, vinte colaboradores e cinco correspondentes.

Durante meio século de existência, participamos de todos os Congressos de Folclore realizados no país, já em número de oito; promovemos trinta e três Semanas e coordenamos uma Festa Nacional de Folclore em 1976; nossos folcloristas publicaram cerca de setenta obras – livros, cadernos e monografias, como resultado de pesquisas, e ministraram vários cursos no campo da especialidade, alguns dos quais oferecidos a professores de 1º e 2º graus; fizeram parte do Projeto de Revitalização Cultural da Coordenadoria de Cultura, órgão que se transformou em Secretaria de Estado, como se encontra hoje.

Com a renúncia de Aires, apresentada à Assembleia Geral em 15 de março de 1980, passamos a res-

ponder pela presidência, em razão do cargo de secretário-executivo. Convocada a eleição, que se realizou em 17 de maio, foi organizada lista tríplice para preenchimento do lugar vago, remetida ao Professor Manoel Diegues Júnior, presidente da Comissão Nacional, cuja escolha recaiu em minha pessoa.

A Diretoria se compôs, além do presidente, de Mari-Stella Tristão, Vice-Presidente, Romeu Sabará da Silva, Secretário, e Carlos Felipe, Tesoureiro. Seu mandato se expirou em 22 de agosto de 1983.

O Conselho Consultivo, com igual duração, se constituiu dos folcloristas Domingos Diniz, Jupyra Duffles Barreto e Sílvio do Amaral Moreira.

Criaram-se três assessorias, duas das quais administrativas, confiadas aos folcloristas Antônio de Paiva Moura, a partir de 07 de maio de 1982, e Zanoni Eustáquio Roque Neves, em 02 de março do ano seguinte, sendo que este último recebeu atribuição específica. A outra assessoria, de planejamento, coube ao folclorista Sebastião Rocha, a partir de 1º de outubro de 1983, para elaborar um projeto de mapeamento folclórico para Minas Gerais.

A ampliação das atividades da Comissão e exigências da vida moderna impuseram a formalização jurídica da sociedade. Nossos Estatutos, aprovados em 25 de outubro de 1980, acham-se registrados no Cartório do Dr. Jero Oliva, às fls. 078, Livro A-37, sob o nº 49.320, de 19 de novembro de 1980. Um ano antes, porém, a CMFL fora cadastrada na Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, por expressa vontade e determinação de seu coordenador, na época, Professor Paulo Campos Guimarães, a quem se deve muito.

Feito o registro, a Comissão redigiu seu Regimento, aprovado em 07 de fevereiro de 1981, e se inscreveu no Cadastro Geral dos Contribuintes (CGC), Secretaria da Receita Federal no Ministério da Fazenda, tendo recebido o nº 21.854.484/0001-06.

Para obter as vantagens da Lei nº 7.505/86 (Lei Sarney), a Comissão Mineira de Folclore providenciou rápido os papéis necessários e, afinal, obteve seu cadastramento no Centro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura (CPC), que habilita a entidade a receber doações e patrocínios.

Desde 1979, através de alguns de seus folcloristas, a Comissão se associou à Coordenadoria de Cultura para realização dos Simpósios de Comunicações sobre Pesquisas em Folclore, já em número de três e com excelentes resultados práticos. O mesmo grupo, de mãos dadas com a Secretaria de Educação, elaborou dois Suplementos Pedagógicos, só com material folclórico selecionado para alunos

ARTIGOS

de 1º e 2º graus, publicados no órgão de imprensa oficial de Minas Gerais.

É grande a dívida da CMFL para o professor Wilson Chaves, que deu ênfase à cultura popular em sua administração e prestigiou sobremaneira os folcloristas. Seu entusiasmo e extrema dedicação à área culminaram com a entrega à Comissão Mineira de Folclore de um conjunto de salas da Rua dos Carijós, nº 150, 6º andar acontecimento que se realizou em 12 de maio de 1982, por intermédio da Secretaria de Governo, bem assim com a criação e instalação, no mesmo dia e local, do Centro de Informações Folclóricas, antiga aspiração da Comunidade, principalmente o grupo estudantil. De fato, havia um crescente interesse em Minas Gerais, de resto em todo o mundo, pelas manifestações da cultura popular tradicional. Sucedia que o estudante ou a pessoa interessada não sabia aonde ir ou a quem recorrer para obter o dado confiável acerca de tais ocorrências. Significa dizer que a Comunidade reclamava a criação e instalação de um Centro de Informações Folclóricas. Sua inauguração veio, pois, atender a uma necessidade social, preencheu um vazio no sistema de educação e ensino em nosso Estado.

Desde 1948 era intenção dos folcloristas mineiros criar um museu de artes e técnicas populares – significa dizer, de folclore. O interesse se justificava porque, além de servir para reunião de estudiosos da área, o museu é fundamental à análise, em volume, da cultura.

A primeira tentativa, frustrada, aconteceu em 1965 e teve apoio de Jenner José de Araújo, então Secretário de Estado do Trabalho.

Só em 1976 a Comissão viu concretizar-se o antigo sonho com a inauguração, em 21 de agosto, do Museu de Folclore. Instalou-se no andar térreo do Edifício JK. Ao ato, além de algumas dezenas de pessoas da sociedade local, estiveram presentes o governador Aureliano Chaves, o diretor executivo da Campanha de Defesa do Folclore, Bráulio do Nascimento, Paulo Campos Guimarães, Coordenador de Cultura e Clementino Doti. Foi um sucesso.

Desgraçadamente, embora o espaço fosse nobre e central, era vulnerável, não oferecia segurança alguma. Marginais, então, quebravam os enormes vidros, que formam paredes, invadiam as instalações e subtraíam peças do Museu, assim como aparelhos audiovisuais. Em três investidas dos ladrões, perdemos a máquina fotográfica, o gravador de som, dezenas de discos da coleção, fitas cassete, o projeto de “Slides” e obras de arte. Para salvar o que restou, o

acervo foi levado, correndo, para um depósito do Conselho Estadual de Cultura, na Rua Arturo Toscanini, quase esquina com Avenida Contorno, no bairro Santo Antônio. Esculturas raríssimas foram colocadas debaixo de uma escada, na falta de local melhor.

Em 12 de maio de 1982, o Museu foi reaberto em quatro salas amplas, no 6º andar do Edifício Carijós, à rua do mesmo nome, nº 150, alugadas pelo Estado e oferecidas à Comissão. Novo sucesso.

Em 04 de dezembro desse mesmo ano, por decisão unânime da Assembléia Geral, à nossa revelia, o Museu passou a chamar-se **Museu de Folclore “Saul Martins”**.

Alguns meses depois, fizemos doação à CMFL, destinado ao Museu, de todo o nosso acervo particular, formado por 553 peças e ainda 5 estantes de aço.

Assim equipada, com base física para a sede e espaço cultural para a consecução de suas metas, a Comissão Mineira de Folclore pôde firmar-se e vem crescendo: deu-se início à formação da Biblioteca “Angélica de Rezende”, com seção audiovisual.

O crescimento da entidade nesses últimos anos se deve muito ao esforço e competência de Antônio de Paiva Moura, que contou com a eficaz ajuda da Fundação Escola Guinard, mediante o concurso de um corpo de estagiários, que se revezavam em turmas para a classificação e disposição de peças, restauração de algumas destas, atendimento a estudantes e pesquisadores, elaboração de fichas de assuntos e bibliográficas e feitura do Catálogo das Peças do Museu “Saul Martins”, já impresso, com 112 páginas, relativo a 743 peças indexadas. Assinale-se, a propósito, que um dos pontos mais altos do apoio do Governo à Comissão foi a prestação de serviço desse mencionado folclorista, colocando à disposição do Centro e da CMFL, o qual organizou eficazmente a escrita de ambos os departamentos e promoveu o estímulo à doação de peças, livros, cartazes e material audio visual para as referidas unidades.

Além do convênio em vigor, cujo texto diz respeito à CMFL, assinado entre o Governo do Estado de Minas Gerais, pelo seu Governador, e o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBCEC), pelo seu Secretário Geral Adjunto e Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, outro Convênio celebrado entre o MEC e o Governo do Estado e posterior Termo Aditivo se assinaram, ambos os quais envolvem diretamente a ação da Comissão Mineira de Folclore.

Por decisão da Assembléia Geral, em 14 de maio de 1983, acatando indicação nossa, deu-se compe-

ARTIGOS

tência à Diretoria para baixar resoluções normativas com força legal, desde que não venham ferir preceitos estatutários ou regimentais.

Criaram-se quatro subcomissões: de admissão de novos membros, de publicação, de pesquisa, e de estudo e análise.

Ampliou-se nosso círculo sócio-cultural, mediante a concessão de um título de membro honorário ao Professor Wilson Chaves e dois demembros correspondentes, sendo que um destes foi dado à folclorista Maria Jesuína Ciarallo Cordeiro, residente em Bayeux, Paraíba, e o outro à folclorista Maria Leitão Bastos, residente em Rio Branco, Acre.

Em decorrência do prestígio da Instituição e dos serviços culturais que oferece à comunidade, a Assembléia Legislativa, pela Lei nº 8.411, de 8 de julho de 1983, declarou-a de utilidade pública.

Eleito presidente em 25 de junho de 1983, 22 de agosto, dia do folclore, tomou posse do cargo o folclorista Carlos Felipe de Melo Marques Horta.

A Diretoria se constitui, além do Presidente, de Mari-Stella Tristão, Vice-Presidente, Antônio de Paiva Moura, Secretário, e Domingos Diniz, Tesoureiro.

O Conselho Consultivo, com igual duração, então se compôs dos folcloristas Antônio Henrique Weitzel, Lázaro Francisco da Silva e Nelson de Figueiredo.

Em 1º de outubro do mesmo ano, por decisão da Assembléia Geral, concedeu-se a Saul Martins o título de Presidente de Honra da Comissão Mineira de Folclore, cujo diploma lhe foi entregue, em sessão festiva, no dia 12 de novembro. Como parte das solenidades, criaram-se as subcomissões regionais de Juiz de Fora e Montes Claros.

Na noite de 23 de agosto de 1985, pouco antes das 19 horas, desapareceu dentre os vivos esse homem extraordinário que se chamou Aires da Mata Machado Filho. A Comissão Mineira de Folclore perdia o seu líder maior. Passado o enorme susto e aceita a vontade de Deus, o presidente Carlos Felipe se desdobrou no sentido de prestar ao fundador da Comissão as homenagens condignas a que fez jus, de fato e de direito: uma sessão especial em nossa sede, com a presença da família do homenageado, dia 28 de fevereiro de 1986, ocasião em que, além de variada programação, foram lidos alguns telegramas oriundos de vários pontos do país e a comovente carta da folclorista Regina Lacerda, presidente da Comissão Goiana de Folclore, endereçada a Saul Martins; e o lançamento, em edição especial, do Boletim da Comissão Mineira de Folclore, nº 09, setembro de 1985,

com 56 páginas, ilustrado, sob patrocínio das prefeituras municipais de Divinópolis e Pirapora.

Por Força dos Estatutos, marcaram-se eleições para renovação da Diretoria, o que aconteceu em 19 de julho de 1986. Foi eleita a chapa encabeçada por Antônio de Paiva Moura, que tomou posse do cargo, segundo recomendam a lei e a tradição, no dia do folclore, 22 de agosto. Além do presidente, foram eleitos Domingos Diniz, Vice-Presidente, Zanoni Eustáquio Roque Neves, Secretário, e Jupyra Duffles Barreto, Tesoureira.

O Conselho Consultivo ficou assim constituído: Antônio Henrique Weitzel, José Moreira de Souza e Sílvio do Amaral Moreira.

A CMFL esteve bem estruturada e com excelentes condições para desenvolver-se. A propósito, ganhou um voto de louvor, a pedido de Ático Villas-Boas da Mota, Presidente da Comissão Nacional de Folclore, por ocasião do I Simpósio Nacional sobre Folclore, reunido em Olímpia, Estado de São Paulo, de 14 a 16 de agosto de 1986. A Diretoria e seu Conselho Consultivo se compuseram de folcloristas de merecida estima intelectual, a começar do presidente, Professor Antônio de Paiva Moura, inteligente e capaz, prestigiado por seus colegas brasileiros.

No final de 1987, o dono das salas do Edifício Carijós pediu o imóvel. Revelou-se claro o interesse de pessoas ligadas ao governo em satisfazer o pedido e desocupar as salas. Com esse fim, dizia-se que o Museu ficaria bem alojado na casa nº 2.474 da rua São Paulo, onde o espaço era grande e com a vantagem de ser térreo. O acervo foi transferido para aquele endereço, em 19 de novembro. Malogro total. As vantagens não passavam de enganação. Durante quatro longos anos o Museu ficou em letargia, encaixotado.

Eleita por unanimidade, assumiu a administração para novo triênio a chapa encabeçada por Domingos Diniz, que do cargo tomou posse em 22 de agosto de 1989. Seu mandato se esgotou em 1992. Ele é folclorista desde o início da década de 70, quando ainda residia em Pirapora e lá desenvolvia esforço notável para engrandecimento cultural da região, feito através do clube literário Inácio Quinaud e Tribuna Literária, época de grandeza, marcada historicamente pela edição, em 1971, do **Tablóide Folclórico**. Depois disso, ocupou a presidência da Fundação Municipal de Cultura de Divinópolis, de 1985 a 1988, e, quase sozinho, possibilitou a edição de vários números do nosso Boletim, que é a bíblia dos folcloristas mineiros. Significa para a Comissão uma certeza de crescimento e prosperidade.

ARTIGOS

Em julho de 1990, a pedido, nossos folcloristas programaram e realizaram, com bom êxito, um curso de folclore em Pirapora, Minas Gerais, com 40 horas-aula de duração.

No mês seguinte, dia 22, foi lançado o Suplemento Literário do Minas Gerais, em edição especial, como parte do programa da 26ª Semana do Folclore, organizado pela Comissão e editado por Pascoal Mota.

Em Assembléia Geral, dia 10 de novembro, elegeram-se membro correspondente, no Estado de São Paulo, o folclorista José Carlos Rossato, residente em Votuporanga.

Ainda em 1990, às vésperas do Natal, sob ameaça de despejo, o rico acervo ia ser jogado na rua. Aí aconteceu um fato inédito, surpreendente: o prefeito de Vespasiano, Carlos Moura Murta, verdadeiro Mecenas dos tempos modernos, tomando conhecimento do anúncio de despejo, através do noticiário da Imprensa, deu guarida ao museu. Ele mesmo determinou que suas viaturas fizessem o transporte do material para sua cidade, o que se deu, efetivamente, nos dias 17, 18 e 19 de dezembro, sendo instalado de modo condigno no sobrado da Rua Francisco Lima, nº 12, defronte do Palácio das Artes.

Em 1º de março de 1991, dia esplêndido para os folcloristas mineiros, é assinado convênio entre a Comissão Mineira de Folclore, por seu Presidente, Domingos Diniz, e a Prefeitura Municipal de Vespasiano, representada pelo Prefeito Carlos Moura Murta, através do qual se instalava oficialmente, naquela cidade, o Museu de Folclore "Saul Martins". Presentes à solenidade, além dos signatários, Antônio de Paiva Moura, Frei Francisco Van Der Poel, Maria de Lourdes Costa Dias Reis, Saul Martins e esposa, o Vice-Prefeito, na época Joel Leonel de Aviz, e todos os funcionários da área cultural do município. A abertura solene do museu ao público realizou-se um mês e quatro dias após, em 04 de maio, na Casa da Cultura, onde se encontra, em modernas e funcionais instalações. O corte da fita de inauguração coube de fato e de direito ao Prefeito Carlos Murta, que convidou o folclorista Saul Martins a assessorá-lo nesse ato simbólico. A seguir, houve apresentação na praça da cidade de danças e folguedos populares e banda de música.

A partir de 06 de maio, até começo de junho, os professores da CMFL ofereceram à comunidade, gratuitamente, dois cursos intensivos: o pioneiro, intitulado Fundamentos Antropológicos da Museologia, foi constituído por 44 horas-aula, distri-

buídas entre quatro diferentes unidades didáticas, reservado a pessoas que tinham no mínimo o 2º grau completo; dos aprovados, saíram os funcionários do museu. O segundo, de Folclore, constituiu-se 40 horas-aula.

Em 18 de maio, pela primeira vez, a Comissão Mineira de Folclore realizou sua Assembléia Geral fora da Capital mineira, pois aconteceu em Vespasiano, com numerosa presença de membros e convidados.

Sob patrocínio da Prefeitura Municipal de Vespasiano, foi editado o nosso Boletim nº 13, com magnífica ilustração de peças do Museu na parte externa da segunda capa.

De 19 a 25 de agosto realiza-se a 27ª Semana de Folclore de Belo Horizonte, com vasta e variada programação, com destaque para o I Painel sobre o Folclore em Minas Gerais, que passou a ser incorporado, agora em caráter definitivo, às semanas de folclore da capital.

Em dezembro, em forma de tablóide, patrocinado pela Secretaria de Estado da Cultura, foi editado o Boletim nº 14, da Comissão Mineira de Folclore, bastante informativo e ilustrado.

Em cumprimento de dispositivos estatutários, reuniram-se os membros da CMFL, dia 04 de julho de 1992, em Assembléia Geral, para eleição de nova diretoria, que assumiu os destinos da Instituição no triênio 1992 - 1995. Por unanimidade, é reeleito presidente o folclorista Domingos Diniz. Para os demais membros, a escolha recaiu nas pessoas dos folcloristas a seguir: Antônio de Paiva Moura, Vice-Presidente; Maria de Lourdes Costa Dias Reis, Secretária; Luiz Fernando Vieira Trópia, Tesoureiro. Foram eleitos membros do Conselho Consultivo os folcloristas Carlos Felipe, Antônio de Oliveira Mello e Moacyr Costa Ferreira.

De 22 a 25, a Comissão participou do Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore, que se realizou em São José dos Campos, Estado de São Paulo, com destacada presença dos folcloristas Domingos Diniz e Edimilson de Almeida Pereira.

Em 22 de agosto, houve sessão solene para dar posse à nova diretoria e aconteceu também, na sequência, a abertura da 28ª Semana de Folclore e II Painel sobre o Folclore em Minas Gerais.

No ano seguinte, 1993, de 14 a 22 de agosto, realizaram-se a 29ª Semana de Folclore e o III Painel sobre o Folclore em Minas Gerais, com variada programação, sempre concorrida por gente interessada - professores, alunos e pesquisadores da capi-

ARTIGOS

tal e cidades da região metro-politana. Sob o patrocínio do SESC-MG, foi editado o excelente Boletim nº 15. Em setembro, com participação do presidente Domingos Diniz, a Comissão se fez representar na I Semana de Folclore de Viçosa, Minas Gerais, iniciativa da UFV e Prefeitura Municipal. Em outubro, a convite da Secretaria de Cultura de Uberlândia, a CMFL realizou um ciclo de palestras naquela cidade do Triângulo, proferidas por nossos colegas folcloristas Antônio de Paiva Moura, Domingos Diniz e Sebastião Rocha.

Mais uma vez nossa Entidade reuniu-se, em Assembléia Geral, fora de Belo Horizonte: aconteceu no dia 19 de fevereiro de 1994, comemorativa de seu 46º aniversário de fundação, em Sete Lagoas, como reconhecimento pelo esforço que a Secretaria Municipal de Cultura desenvolve na área da cultura popular. Após a reunião, houve uma sessão solene do Clube de Letras daquela cidade, também celebrada em comemoração aos trinta anos de sua criação. Na ocasião, atendendo a convite do Secretário Francisco Timóteo Pereira, o folclorista Saul Martins, de improviso, proferiu palestra sobre Folclore na Quaresma e na Semana Santa. Ao final, o titular da Secretaria ofereceu um coquetel aos presentes.

Em 25 de maio, Comissão Mineira de Folclore presta homenagem póstuma ao membro fundador Sílvio do Amaral Moreira, o Bi, recentemente falecido.

No mês seguinte, os folcloristas Núbia de Almeida Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira são agraciados com o Prêmio "João Ribeiro", da Academia Brasileira de Letras, pela autoria do livro Mundo Encaixado.

De 14 a 22 de agosto, realiza-se a 30ª Semana de Folclore de Belo Horizonte e o IV Painel sobre o folclore em Minas Gerais. Coordenado pela CMFL e editado pela Secretaria Municipal de Cultura, foi lançado o tablóide **Aroeira**, com colaboração dos folcloristas mineiros, bem recebido pela comunidade, distribuído às escolas e organismos culturais da Capital e interior do Estado.

Em setembro, a convite da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Poços de Caldas, a Comissão se fez presente no Encontro de Cultura do sul de Minas por seus folcloristas Domingos Diniz e Núbia Pereira de Magalhães Gomes. Na ocasião, Núbia proferiu brilhante palestra sobre a importância do folclore na vida de cada um, a que assistiram, além de outros, prefeitos e secretários municipais de educação e cultura da região.

Em outubro, dia 26, a fatalidade nos pregou um tremendo susto, e a consternação entre os membros

da Comissão Mineira de Folclore foi geral, com a notícia da morte da folclorista Núbia Pereira de Magalhães Gomes, em desastre rodoviário. Sim, nossa inteligente Núbia nos deixara, subira, com certeza, a plano mais elevado. Não nos abatemos, pois Deus sabe o que faz!

De 09 a 11 de novembro, em Divinópolis, realiza-se o I Seminário Nacional sobre Ações Integradas em Folclore. O evento contou com a participação das Comissões Estaduais de Folclore de Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, além da diretoria da Comissão Nacional de Folclore e professores e folcloristas convidados. No mesmo período, foi oferecido à comunidade divinopolitana um Curso de Iniciação ao Folclore, com patrocínio da Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Fundação Municipal de Cultura.

No dia 28 de novembro o Instituto C. G. Jung MG prestou justa e significativa homenagem póstuma à Folclorista Núbia Pereira Magalhães Gomes. Ao ensejo, falaram o Professor Carlos Alberto Corrêa Salles, pelo Instituto Jung, e os folcloristas Domingos Diniz e Frei Francisco Van Der Poel em nome da Comissão Mineira de Folclore. A seguir, o folclorista Edimilson de Almeida Pereira pronunciou uma palestra sob o título O Casamento na Cultura Popular, que teria sido proferida por Núbia. Ensina Blavatsky: "não há coincidências, há causas desconhecidas".

Na última Assembléia Geral de 1994, casa cheia, a CMFL prestou homenagem à memória de Núbia Pereira de Magalhães Gomes, com presença de familiares da homenageada e convidados. Todos os presentes se manifestaram.

Em 27 de maio de 1995, em Assembléia Geral Ordinária, reúne-se a Comissão Mineira de Folclore, ocasião em que se fizeram algumas mudanças nos Estatutos e no Regimento Interno de nossa Instituição com o propósito de adequá-la à Lei Estadual Nº 11.815, de 24 de janeiro desse ano, que trata de normas para ajudar financeiramente organismos culturais e filantrópicos. Foi também instituída a categoria de membro colaborador. Estes serão indicados por efetivos ou fundadores, aprovados ou não, recrutados entre pessoas que se destacaram ou venham a destacar-se no estudo, pesquisa e exercício ou prática do saber folclórico.

Por solicitação da Secretaria Municipal de Cultura de Passos, Minas Gerais, associada à Delegacia de Ensino, a Comissão ministrou naquela cidade um curso intensivo de Folclore com 24 horas-aula, desti-

ARTIGOS

nado a professores. As aulas foram dadas pelos folcloristas Antônio Henrique Weitzel, Frei Francisco Van Der Poel e Saul Martins.

Em Assembléia Geral Extraordinária, dia 08 de julho, foi eleita, por unanimidade, nova diretoria e conselho consultivo da CMFL para o triênio 1995-1998, cuja posse se deu no dia 22 de agosto. Foram eleitos Presidente, Sebastião Rocha, Vice-Presidente, Edimilson de Almeida Pereira, Secretário, José Moreira de Souza, Tesoureiro, Frei Francisco Van Del Poel. Para o Conselho Consultivo se elegeram: Antônio Henrique Weitzel, Maria do Carmo Tafuri Paniago e Maria José de Souza.

Nos cinquenta anos já decorridos, tiveram seis presidentes. Cada um destes esforçou-se ao máximo pelo crescimento da Instituição e deixou sua marca pessoal. As singularidades fizeram a pluralidade. Assim, o atual dirigente – antropólogo, educador e folclorista, Sebastião Rocha, imprimiu características próprias na sua administração, que se caracteriza, principalmente, pelo alargamento do nosso espaço cultural: as fronteiras da CMFL já alcançam os Estados Unidos e alguns países da Europa e outros muitos da América Latina. Para isso contribuiu sobremaneira a notável infra-estrutura do CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento), colocada gratuitamente também a serviço da Comissão Mineira de Folclore e que possibilitou maior divulgação da cultura popular tradicional, assim como das nossas pesquisas em andamento e do esforço global que se despence em Minas Gerais para a defesa dos objetivos da Comissão. Introduziu um sistema de circulação de informações entre os folcloristas porque, “bem informados, teremos mais condições de intervir, contribuir, criticar e participar” (Tião Rocha). Para essa tarefa, criou o informativo CMFL Notícias, que em agosto de 1997 passou a chamar-se **Carranca**, símbolo por mim adotado, em 1970, para identificar a Comissão Mineira de Folclore. A produção desse nosso órgão de imprensa receberá apoio cultural do Grupo Pitágoras e da Gráfica e Editora Cultura.

Tião Rocha, além dos resultados imediatos que obteve com a edição do citado informativo, já no seu número trinta e seis, estreitou os laços de amizade entre folcloristas do Brasil e de outros países.

Em Vespasiano, sede do museu de folclore, realizou-se uma exposição de brinquedos populares feitos por alunos da 1ª e 4ª séries das escolas públicas. Na capital, pelo membro colaborador Dêniston F. Diamantino, foi apresentada mostra de vídeo sobre folias de reis e encomendação das almas.

Sob patrocínio da CMFL, nossos folcloristas ministraram cursos básicos e intensivos de iniciação em folclore na capital, em Juiz de Fora, Campo Belo, Curvelo, Nova Era, Uberaba, Araxá, Montes Claros e Pirapora, além de proferirem elevado número de palestras em Belo Horizonte e cidades do interior do Estado.

A Comissão Mineira se fez representar no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, pelos folcloristas Sebastião Rocha e Domingos Diniz.

Em 10 de fevereiro de 1996 criou-se o Conselho Editorial da CMFL, constituído por seis membros designados pela Presidência, ouvida a Diretoria e aprovada pela Assembléia.

Em 25 de maio do mesmo ano, foi aprovada a inclusão em nosso Regimento Interno de um capítulo que regulamenta o processo de admissão e de exclusão de membros da CMFL.

Os folcloristas mineiros associaram-se, com sucesso, aos colegas de outros lugares do Brasil para a revisão da Carta do Folclore Brasileiro.

Num gesto de solidariedade que agradou a todos os folcloristas, a bibliotecária Lourdinha Romaneli, Superintendente da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, pôs o espaço deste órgão público à disposição da CMFL para suas reuniões, gesto este mantido pela atual superintendente, Maria de Nazaré Souto-Maior Filizzola.

Foram editados os Boletins nºs 16, 17 e 18, lançados, respectivamente, em 1995, 1996 e 1997.

Morreu Guidinha no dia 09 de abril de 1997, mãe de Dadá, Irmã de Domingos Diniz, esposa do professor Sinésio Ribeiro Bastos, foliona de Santos Reis no bairro Caiçara. Ela nos deixou um notável livro – *Receitas da Tia Guidinha*. Perda sofrida e lamentável.

Em razão da infausta vaga deixada por Cecília Alves Gomes, a Senhora Maria José de Paula Rocha foi coroada Rainha Conga de Minas Gerais, dia 03 de agosto de 1997.

Neste mesmo ano, nosso presidente Sebastião Rocha ministrou matéria denominada Manifestações da Cultura Popular no Curso de Guia de Turismo Nacional e Mercosul em nível de qualificação profissional no SENAC/MG.

Aconteceu com raro brilho a 33ª Semana de Folclore, comemorativa do Centenário de Belo Horizonte. Dia 20, a CMFL recebeu troféu e diploma, como parte das comemorações “pela relevante con-

ARTIGOS

tribuição à cultura mineira”, dados pelo Banco Itaú e Belotur.

Na qualidade de membros efetivos da Comissão, foram empossados Márcio Almeida e Tanya Pitanguy de Paula.

Em outubro e novembro de 1997, houve duas exposições, na Galeria Paulo Campos Guimarães da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, das obras, respectivamente, de Frei Chico e Saul Martins. E, no Centro de Cultura Belo Horizonte, houve o lançamento do Boletim nº 18, comemorativo do Centenário da Capital mineira e dos meus oitenta anos de idade.

Em fevereiro de 1998, deu-se o início do curso de pós-graduação especialização *lato sensu*, em Folclore e Cultura Popular, o primeiro a ser lançado no país, fruto de uma eficiente parceria entre as Faculdades Inte-gradas Newton Paiva, denominado Centro Universitário Newton Paiva, e a Comissão Mineira de Folclore. Este curso se deveu ao esforço da diretoria, especialmente dos folcloristas Tião Rocha, presidente, e José Moreira de Souza, que, além de secretário, é o atual coordenador de pós-graduação do referido centro. O êxito já alcançado por este curso, demonstrado pela opinião da primeira turma em formação, indica que ele terá continuidade e, esperamos, vida longa.

A reativação do Centro de Informações Folclóricas, desativado há vários anos, contra nossa vontade, foi outra bandeira desfraldada pela CMFL. Novos parceiros, como a PUC/MG, a Belotur e o Centro Universitário Newton Paiva, estão envolvidos neste trabalho, desde abril de 1998, que terá a coordenação do folclorista Antônio de Paiva Moura, responsável pela implantação deste projeto.

Em maio de 1998, iniciaram-se as negociações entre Diretoria da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, através da Belotur, visando à transferência, com doação à CMFL, de um prédio localizado no bairro de Santa Tereza, junto ao Mercado Distrital, para abrigar, entre outras, a exposição permanente sobre cultura popular em Minas, e sede da entidade, salas de audiovisual, biblioteca, etc. Em julho de 1998, a Assembléia Geral aprovou a mudança de nome do Boletim para Revista da CMFL, a partir do próximo número, a ser lançada em agosto.

Dia 04 de julho de 1998, atendendo decisão da Assembléia Geral, convocada para escolha dos novos dirigentes da CMFL no período de 1998 a 2001, foram eleitos: Presidente, Domingos Diniz, Vice-Presidente, Antônio Henrique Weitzel, Secretário, Lázaro Francisco da Silva, Tesoureiro, Antônio de Paiva Moura. Conselho Consultivo: Antônio de Oli-

veira Mello, João Naves de Melo e Maria de Lourdes Costa Dias Reis.

O folclorista Domingos Diniz assume a presidência da Comissão Mineira de Folclore. É o seu terceiro mandato, agora como outrora pleno de entusiasmo e fé, com a vantagem de possuir maior experiência, significa dizer seis anos a mais de saber acumulado, como sempre a serviço da Instituição. Conforme declarou, seu objetivo maior é concretizar o sonho de adquirir sede própria para a Comissão.

O ponto de chegada é o mesmo da partida. A alternância no poder não interrompe o processo de desenvolvimento, muito ao contrário, preenche vazios, caso existam.

Como se espera de um bom cronista, Domingos Diniz começou sua gestão brindando-nos com bela crônica, O mundo é dos ousados, publicada no informativo **Carranca**, Ano III, nº 36, ao fim da qual nos oferece uma lição de mestre: “A grandeza não está no poder, mas no servir abnegado em sua missão”.

De 26 a 29 de agosto de 1998, aconteceu a 2ª Semana de Folclore de Nova Lima, que recebe apoio permanente dos folcloristas mineiros.

Dia 11 de setembro, em Pirapora, o folclorista Zanoni Neves fez palestra sob o tema Os Remeiros do São Francisco. E no dia 21 foi a vez do professor Antônio de Paiva Moura proferir palestra no Instituto C. G. Jung/MG.

No dia 30 de outubro, entre outras entidades culturais, a CMFL foi homenageada no Palácio da Liberdade, sede do Governo de Minas.

Com início em 4 de novembro do mesmo ano e término em 23 de fevereiro de 1999, a CMFL ofereceu a professores da rede municipal de ensino de Nova Lima um Curso Intensivo de Iniciação em Folclore, constituído por 48 horas-aula. O corpo docente formou-se dos folcloristas Saul Alves Martins, Sebastião Rocha, Antônio de Paiva Moura e Domingos Diniz.

Em 6 de novembro foi assinado Convênio entre a Prefeitura Municipal de Nova Lima e a Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG para desenvolvimento de um projeto de pesquisa e estudo das manifestações folclóricas no município de Nova Lima.

Em 10 de janeiro de 1999, sob coordenação do folclorista João Naves de Melo e apoio da Prefeitura Municipal, Rotary Clube, grupo de jovens, comércio local, jornal Nosso Tempo, e Comissão Mineira de Folclore aconteceu o I Encontro de Foliões de São Francisco.

ARTIGOS

Em 8 de fevereiro, incorporada, a diretoria da CMFL fez uma visita ao Secretário da Cultura, jornalista Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, a quem se entregou uma cópia do Convênio celebrado entre o Governo do Estado de Minas e o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura – IBCEC, bem como um ante-projeto de desenvolvimento das mani-festações folclóricas em Minas Gerais.

Criação do site de folclore que tem o endereço a seguir: www.folclore.arte.br

A CMFL presta homenagem póstuma a Florival Seraine e José Sant’Anna, que enriqueceram a biblioteca brasileira de Folclore.

Em 25 de março, o presidente de honra da CMFL, Saul Alves Martins, proferiu palestra para os integrantes da Cia de Danças Aruanda, subordinada ao polémico tema O Folclórico e o Parafolclórico.

Em abril, dia 5, Frei Francisco Van Der Poel (OFM), membro efetivo da CMFL, falou no Instituto C. G. Jung, aqui em Belo Horizonte, sobre o tema Os Negros do Congado e o Cristianismo: importância dos antepassados.

Ministrado em Nova Lima por folclorista da Comissão Mineira de Folclore, encerrou-se no dia 24 de maio o Curso Intensivo de Iniciação em Folclore, ampliado para sessenta e quatro horas-aula, ocasião em que vinte e oito professoras da rede municipal de ensino receberam certificado.

Em 27 de maio, reuniram-se o Dr. Newton Paiva Ferreira Filho, Reitor do Centro Universitário Newton Paiva e os folcloristas Domingos Diniz, José Moreira de Souza e Antônio de Paiva Moura a fim de discutir as possibilidades de um trabalho em parceria, com celebração de *Convênio* para reimplantação do Centro de Informações Folclóricas e edição anual da Revista de Folclore.

Em agosto realizou a 35ª Semana Mineira de Folclore com vasta programação e animada parceria.

Em 22, dia do Folclore, aconteceu o esperado lançamento da Revista Nº 20 da Comissão Mineira plena de material da melhor qualidade, inclusive o Catálogo Bibliográfico sobre o Folclore em Minas Gerais, do folclorista Antônio Paiva Moura e prefácio de Saul Martins.

Dia 30 é assinado o Convênio de Cooperação entre a Comissão Mineira de Folclore e Centro Universitário Newton Paiva, o qual significa passo largo no caminho longo do progresso cultural das referidas instituições. Esperam-se muitos benefícios desta parceria. Sabe-se, por exemplo, que o Infor-

mativo Carranca terá o patrocínio do Centro Universitário Newton Paiva, com edição mensal.

Ainda no mês de agosto foi criada em São João Del Rei a Subcomissão de Folclore, sob a presidência do folclorista Ulisses Passarelli, recém-empossado membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore.

Em setembro, por seus folcloristas, a CMFL ofereceu à comunidade de Vespasiano mais um Curso Intensivo de Iniciação em Folclore, constituído por 20 horas-aula.

Aconteceu em Nova Lima a 3ª Semana de Folclore, sob coordenação do professor Abílio Abdo Lopes, da Comissão Mineira de Folclore e Secretário Municipal de Cultura daquele Município.

Em 31 de outubro o folclorista Saul Alves Martins foi homenageado em Nova Lima, ocasião em que recebeu das mãos do prefeito do Município, Dr. Vitor Penido, um lindo troféu. Mês seguinte, ministramos um Curso para interessado de Vespasiano, constituído por 25 horas-aula, intitulado Fundamentos Antropológicos da Museologia.

Houve Encontro nesta Capital, tendo à frente Madalena Maria Diniz Bastos, a Dada da CMFL, no qual se definirá a criação da Federação das Folias de Reis de Minas Gerais, programada ainda para este ano.

Em 1º de dezembro, pela editora Leitura, o folclorista Carlos Felipe, membro efetivo da CMFL, realizou o lançamento do seu livro *Alegria, Alegria*, com ilustração de Giselle Vargas.

Também a folclorista Tânia Pitanguy de Paula, nossa companheira da Comissão Mineira, lançou em livro sua dissertação de mestrado intitulada *Abrindo Baús*.

Dia 5, representantes de mais de oitenta cidades, reunidos, criaram a Federação dos Foliões de Santos Reis do Estado de Minas Gerais. Além dos foliões, estiveram presentes Affonso M. Furtado Silva, presidente da Federação do Reisado do Estado do Rio de Janeiro, Domingos Diniz, presidente da Comissão Mineira de Folclore, Secretário Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, a Belotur por seu presidente e Eurípedes Gaspar de Almeida, presidente da Associação Passense de Defesa do Folclore. A Assembléia Geral presidiu Márcio Veloso. Aprovaram-se os estatutos e elegeram a diretoria (ver Carranca nº 50, página 5).

Dia 17, na Câmara Municipal, Efigênio Cassemiro, membro colaborador da CMFL, foi agraciado com a Medalha da Ordem do Mérito Legislativo Municipal de Belo Horizonte.

ARTIGOS

No dia seguinte, 18, Oliveira Melo, membro efetivo da CMFL, lançou seu novo livro *Memórias de um Tempo*, que, agradavelmente, retrata os tipos populares de Paracatu.

Dia 23, a folia de reis de Dona Guidinha, hoje sob direção de Dadá, membro da CMFL, foi recebida pelo Governador Itamar Franco e todo o seu secretariado no Palácio da Liberdade.

Em março de 2000, por iniciativa da Comissão Mineira de Folclore, realizou-se, aqui na Capital, o Seminário sobre Folclore e Parafolclore.

De 5 a 8 de abril, por seus folcloristas Edimilson de Almeida Pereira, Domingos Diniz e Carlos Felipe, estreitando os laços entre folclore e educação, a CMFL ofereceu o Curso de Iniciação em Folclore a oitenta professores da rede municipal de Pirapora, Minas Gerais.

Dia 24, o professor Edimilson de Almeida Pereira, membro efetivo da CMFL, defendeu tese de doutorado em comunicação, com louvor, na UFRJ.

Em 12 de maio, a Mazza Edições lançou em 2ª edição o *Negras raízes mineiras: os Arturos*, de Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson Pereira de Almeida.

Em Vitória, Espírito Santo, de 20 a 23 de maio, aconteceu o III Seminário Nacional de Ações Integradas em Folclore, com participação, entre outras, da Comissão Mineira de Folclore.

Dia 22, também no mês de maio, Frei Francisco Van Der Poel, nosso Frei Chico, proferiu palestra no Instituto C. G. Jung/MG subordinada ao tema *A Morte na Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha*.

Com aula inaugural em 23 de maio, a Comissão Mineira deu um Curso de Iniciação em Folclore, ampliado para 30 horas-aula, o qual se estendeu por todo o mês de junho, a professores da Municipalidade, sob os auspícios da Prefeitura de Belo Horizonte.

Maria do Carmo Paniago, membro efetivo da CMFL foi entrevistada pela jornalista Patrícia Paixão, São Paulo, sobre festas juninas e o simbolismo do fogo, que é um dos elementais da vida junto com a terra, a água e o ar, segundo Empédocles de Agrigento.

Realização da 36ª Semana Mineira de Folclore, de 19 a 31 de agosto, com vasta programação e muitas parcerias.

Dia 19 aconteceu o lançamento do Livro de Folclore Poético de Pompéu, de Edméia Faria, indicada para membro efetiva da Comissão Mineira de Folclore.

Dia 22 foi a vez do lançamento de *O Grande Livro de Folclore*, de Carlos Felipe, da CMFL. E no dia 31, em Nova Lima, a Comissão e Secretaria Municipi-

pal de Cultura, associadas, lançaram o livro intitulado *Mani-festações Folclóricas no Município de Nova Lima*, de responsabilidade e redação do nosso presidente Domingos Diniz.

Em setembro, o folclorista Sebastião Geraldo Berguêz, membro efetivo da CMFL, presidiu, em Manaus/AM o IV Seminário de Mídia, Lazer e Turismo. Ainda em setembro, realizou-se com êxito o IX Congresso Brasileiro de Folclore em Porto Alegre (RS). A Comissão Mineira de Folclore se fez representar no certame pelo seu presidente Domingos Diniz e pelo folclorista José Moreira de Souza.

Em 5 de outubro, o folclorista Antônio de Paiva Moura lançou *As Minas Gerais*, dicionário bibliográfico, com prefácio de José Moreira de Souza, e ainda o site www.asminasgerais.com.br e CD-Rom Diamantina e os Sertões.

De 23 a 25, realizou-se o III Ciclo de Estudos Turísticos da Escola Superior da PUC – MG, cuja abertura coube ao presidente da CMFL, folclorista Domingos Diniz, que proferiu palestra subordinada ao tema *Importância da Cultura Popular Tradicional*.

Ainda no dia 25, nosso companheiro Antônio de Paiva Moura foi agraciado com a Medalha Ordem do Mérito Educacional, instituída pelo Governo de Minas Gerais. Nessa mesma data, o professor Gustavo Côrtes, que em breve será membro da CMFL, lançou um lindo livro intitulado *Brasil! Festas e danças populares*.

Em 9 de novembro, Frei Francisco Van Der Poel (Frei Chico) proferiu palestra sobre o tema *Cultura Popular e Inclusão*, em Brasília, no V Congresso Nacional de Arte-Educação.

Dia 10, aconteceu o lançamento do livro *Vespasiano, Nossa Terra, Nossa Gente*, de quatro autores: Alicina Viana Fonseca, Carlos Murta, Márcia Fonseca Lisboa Kayser e Valéria Maria Machado Costa. A obra, da melhor qualidade, foi prefaciada por Saul Martins. Vespasiano tem um significado especial para a CMFL, pois ali está instalado o nosso museu de folclore.

Sob coordenação do folclorista José Moreira de Souza, membro efetivo da CMFL, aconteceu no Campus Carlos Luz do Centro Universitário Newton Paiva, dia 18, um debate sobre cultura popular tradicional e a interdisciplinaridade.

Nossa companheira Maria de Lourdes Dias Reis, dia 24, recebeu o prêmio “Álvaro Moreira”, na categoria crônica, com o livro *Olhos do Mundo*, outorgado pela Academia Carioca de Letras.

Na Assembléia Geral de 25 de novembro, Nelson Jacó foi eleito membro colaborador da CMFL e, na mesma Assembléia Paulo Pardal foi eleito mem-

ARTIGOS

bro correspondente da referida instituição no Estado do Rio de Janeiro.

O SESC – MG organizou o acervo “Saul Martins”, que contém cinquenta obras raras, que ficarão abertas para consultas na Biblioteca Central à Rua dos Tupinambás, 936 nesta Capital.

Em 29, no auditório da Escola Guinard, foi lançada a Revista nº 21 da Comissão Mineira de Folclore.

Organizado pela BELOTUR, sob coordenação de Dadá Diniz, realizou-se no dia 6 de janeiro de 2001 o IV Encontro de Folias de Reis de Belo Horizonte, com participação de seis folias. Cada uma destas se apresentou diante do presépio armado no palco. Cerca de duas mil pessoas assistiram ao encontro, destacando-se José Francisco de Salles Lopes, Presidente da BELOTUR, Ângelo Oswald, Secretário de Estado da Cultura, e Saul Martins, Presidente de Honra da Federação dos Reisados de Minas Gerais, também Presidente de Honra da Comissão Mineira de Folclore.

Dia 4 a 7 de janeiro, realizou-se o XXVI Encontro Cultural de Laranjeiras, presente o nosso presidente Domingos Diniz, que proferiu palestra sobre as manifestações folclóricas no Alto Médio São Francisco.

Abertas inscrições, de 5 a 9 de março, para o Curso de Pós-Graduação “lato-sensu” Especialização em Folclore e Cultura Popular, responsabilidade do Centro Universitário Newton Paiva e Comissão Mineira de Folclore, coordenado pelos mestres Zanoni Eustáquio Roque Neves e José Moreira de Souza.

Falaram no Instituto C. G. Jung/MG, em comemoração aos 500 Anos do Rio São Francisco: no dia 12, o folclorista Zanoni Roque Neves, que discorreu sobre Remeiros do São Francisco: crenças e mitos; no dia 19, O Homem do Rio São Francisco, pelo folclorista João Naves de Melo; e dia 26, nosso presidente Domingos Diniz, que abordou Mitos e Lendas do Rio São Francisco.

Dia 30, foi dada aula inaugural do Curso de Especialização em Folclore e Cultura Popular, lato sensu pelo professor Saul Alves Martins no Centro Universitário Newton Paiva, com presença de alunos, professores responsáveis pelas aulas e outros, membros efetivos e colaboradores da CMFL, e convidados.

Dia 26 de maio, em Assembléia Geral, foram empossados, na qualidade de membros efetivos da CMFL, os folcloristas Edméia Faria e Gustavo Côrtes.

Dia 31, o folclorista Zanoni Neves proferiu palestra destinada às sócias da Academia Feminina de Letras de Minas Gerais. O tema abordado foi Remeiros do São Francisco: trabalho e integração regional. Seguiu-se caloroso debate.

Lançamento do livro Vozes do saber das gentes, do folclorista Antônio Henrique Weitzel, da CMFL.

Para desfazer equívoco, o editor do Informativo Carranca, nº 66, Abril de 2001, página 5, rodapé, esclarece que o folclorista Saul Alves Martins escreveu sobre os espantalhos em seu livro Os Barranqueiros, Centro de Estudos Mineiros, 1969, páginas 180-181. Em vista de convocação, reuniu-se em 7 de julho a CMFL, em Assembléia Geral, ocasião em que foi eleita a nova diretoria para o triênio 2001-2004, assim constituída: Presidente, Lázaro Francisco da Silva; Vice-Presidente, José Moreira de Souza; Secretário, Gustavo Pereira Côrtes; Tesoureiro, Antônio de Paiva Moura; Conselho Consultivo: Maria do Carmo Tafuri Paniago, Ulisses Passarelli e Zanoni Eustáquio Roque Neves. A Diretoria eleita será empossada no próximo dia 22 de agosto.

Realizou-se nesta Capital, dias 9 e 10 de agosto, o I Seminário Brasileiro de Folkcomunicação, coordenado pelo folclorista Sebastião Geraldo Breguêz, membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore. Na manhã do dia 10, os participantes do Seminário prestaram homenagem ao folclorista Saul Alves Martins.

De 9 a 30 de agosto, realizou-se a 37ª Semana Mineira de Folclore, com bom êxito, vasta programação e muitas parcerias.

Dia do Folclore, 22 de agosto: empossados novos membros efetivos – Águeda Carvalhaes, Maria Agripina e Kátia Cupertino; e posse da nova diretoria da CMFL, estando à frente, na presidência, o folclorista Lázaro Francisco da Silva.

Concluindo, louva-se o valioso apoio cultural e financeiro oferecido por organismos afins, governamentais ou não. A seguir as entidades que têm colaborado mais: Centro Universitario Newton Paiva, BELOTUR – Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura, SESC-MG, Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação – PBH, Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário do Estado de Minas Gerais, Federação Espírito Umbandista do Estado de Minas Gerais, e Prefeituras Municipais de Vespasiano, Nova Lima, Pirapora, Jequitibá, São Francisco, São Romão e Januária.

ARTIGOS

Mestre Saul Alves Martins

O folclore é a tribuna do povo. O vulgo sabe castigar os opressores e premiar os generosos. Em toda a História, seja onde for, há registros e bons exemplos da força da sabedoria popular. [p.50]

Para sermos exatos, não fugimos nem ao fazer referências que desacreditam a gloriosa Corporação a que temos a honra de pertencer e servir com lealdade. [p.15 – Antônio Dó.

Edição de 1967]

Era o ano de 1967, quando vimos adentrar nossa sala do 4º ano do curso de Ciências Sociais, o professor Saul Alves Martins para ministrar a disciplina Folclore. Alguns relatos de turmas anteriores indicavam o rigor disciplinar do professor. Dizia-se que priorizava a disciplina, a pontualidade, a chamada e, que trancava a porta da sala de aula antes de iniciar a chamada.

Se foi verdade, nada disso aconteceu conosco. “O povo cria lendas em torno de personagens reais, heróis sofredores ou vingadores com os quais muitas vezes se identifica” [Antônio Dó, 1967, p. 15]. Nas aulas, emergia um professor pronto para aprender. Saul se esmerava na preparação do que seria o Manual de Folclore que recebeu o nome de *Folclore Teoria e Método* o qual viria à luz nos saguões da FAFICH no dia 29 de novembro de 1986.

Nessa obra, Saul sintetiza em pequena nota a dificuldade de ser Folclorista, Antropólogo, Professor universitário numa Faculdade de Filosofia num curso de Ciências Sociais - o antro dos “subversivos” - e de ser reconhecido como Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. O capítulo XIII foi elaborado com nossa colaboração. Acrescentamos inúmeras descrições à linguagem dos gestos. Saul coloca em destaque o “Dedo Duro” e o neologismo “dedurar”. Afirma: “A repulsa coletiva por tal gesto, que esteve em moda por ocasião do movimento político-militar de 1964, gerou um verbo novo no Brasil: **dedurar**, haplogia de dedurar, por sua vez derivado de **dedo duro**, que significa aquele que acusa, que entrega alguém, o delator”. [p.187] Vale a pena juntar as frases inseridas em epígrafe a essa pequena nota para termos o perfil completo do Mestre Saul Martins.

O culto ao saber popular como tribuna para “castigar os opressores”; o apreço à verdade em uma instituição a que se deve lealdade – “amicus Plato, sed magis amica Veritas” “Platão é meu amigo, mas a minha amiga maior é a Verdade”

- ele diria -; e o veredito antecipado de que o regime que se instituiu em 1964 não foi somente militar, mas civil-militar – em suas palavras “político-militar”.

É a consciência desses valores que tornará Saul Martins um “homem lúcido em tempos sombrios” nessa bela expressão de Hannah Arendt. Leal à Polícia Militar pela promoção da Paz, mas jamais “dedo duro” para colaborar com a repressão. Quando a polícia militar era recrutada para reprimir manifestações estudantis, o professor se justificava junto a nós: “Não decidimos a ação. Recebemos ordens superiores.” Informado de que algum colega fosse alvo da repressão, Saul se antecipava para impedir a concretização da ação ou intervir para que o processo se encerrasse.

Guardo algumas conversas com ele. Saul se tornou chefe do departamento de Sociologia e Antropologia, o primeiro a partir da Reforma Universitária. Até então, o departamento tinha o nome de Ciências Sociais. Congregava Ciência Política, Antropologia e Sociologia, sem conflitos aparentes. Porém, por iniciativa do professor Tocary de Assis Bastos, criou-se o primeiro curso de Pós-graduação em Ciência Política e surgiu o Mestrado em Ciência Política, cujo comando passou posteriormente ao Professor Júlio Barbosa, criador da Revista Brasileira de Ciências Sociais. Pois bem, surgiu a querela por hegemonia no curso de Ciências Sociais e disputas pela composição de bancas de concursos. Saul interpretava que os examinadores das bancas de Sociologia e Antropologia deveriam ser formadas por professores dessas áreas, ao passo que os do Departamento de Ciência Política entendiam serem mais competentes para formar quadros de avaliação. Seus professores tinham diplomas da Faculdade Latino Americana de Sociologia – FLACSO – ou de universidades Americanas. Cursar pós-graduação passou a ser obrigação de carreira universitária. Havia, porém, a possibilidade transitória de defesa de tese de doutorado no próprio departamento sem a necessidade de submissão a um curso formal. Certa vez, um professor comunicou ao chefe de departamento – era o professor Saul – que iria defender tese de doutorado na Faculdade de Educação. Ao lado estava um professor de Ciência Política. Saul anotou data e hora da cerimônia de defesa e se virou para o professor do Mestrado e perguntou: “E sua defesa, quando será?” Resposta: “Mas minha tese será defendida em Harvard.” Sem exhibir irritação, ele disse: “Eu perguntei o dia. Pode

ARTIGOS

dizer que eu irei a Harvard.” Essa disputa de superioridade marcou a confusão entre ser chefe de departamento, folclorista e militar.

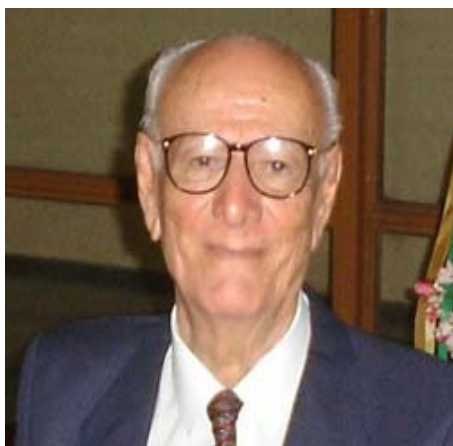
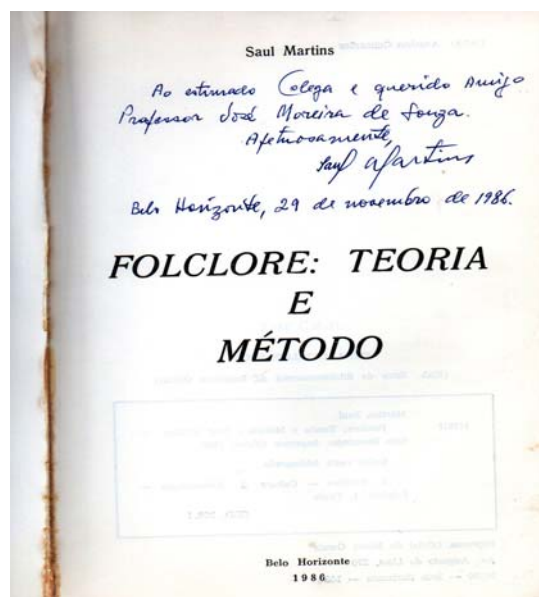
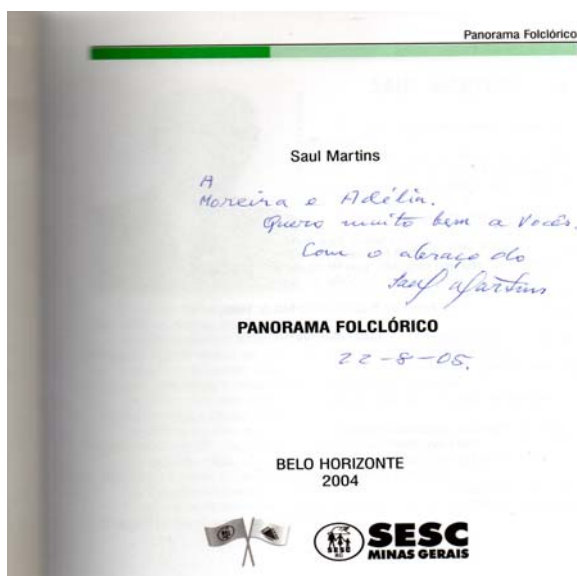
Porém, a segunda conversa revela melhor como nosso professor conseguiu trafegar na contramão do imaginário popular de se apresentar ao mesmo tempo como Comandante de Corporação Militar, Chefe de Departamento Acadêmico, Professor Universitário e Folclorista. Disse “apresentar-se” e não “Ser”. Certa vez, não sei a razão, ele me confidenciou; “Eu vendi meu carro e parei de dirigir. Um dia, um motorista colidiu com meu veículo. Parei e fui ver os danos. Pois não é que o motorista, sem razão nenhuma, começou a discutir comigo? Isto foi me enervando. Ele não era capaz de admitir a culpa. Queria somente ter razão. Aí, eu pensei: “Lidar com essa gente é muito perigoso. Numa hora qualquer eu posso perder a cabeça. Vendi o carro e nunca mais portei qualquer arma.

Se eu estivesse armado naquela hora era possível que eu cometesse um crime sem razão.”

Este relato ficou para mim como a maior lição do rigor para consigo mesmo. A consciência de que a posição de militar não determina **ser** autoridade, mas **apresentar-se** nessa condição no lugar e no momento em que essa atribuição é determinada.

Penso que a condição de **Ser** de Saul somente se aplica ao **Folclorista**. Saul nasceu no dia de todos os Santos, 1 de novembro de 1917, e levou pela vida toda essa condição de **ser**. Desse modo, pode admirar o Cangaceiro Antônio Dó, execrar o perverso Felão, ministrar aulas de Antropologia e de folclore, comandar o 5º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais sem que nada disso lhe impusesse **ser** professor, chefe, comandante ou soldado.

José Moreira de Souza



Centenário de Saul Martins:
Arte de Adélia Anis Raies de Souza



As três edições do *Antônio Dó de Saul Martins*

Luís Santiago

Editadas pelo próprio autor, ainda que publicadas por distintos selos editoriais, as três edições do *Antônio Dó* são bem diferentes uma da outra. A primeira edição, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais (1967), é a única que traz o subtítulo *A história verídica de um jagunço famoso*. Tanto a segunda, pela Interlivros (1979), quanto a terceira, a cargo do Serviço Social do Comércio - SESC-MG (1997), informam no frontispício que se trata de uma edição “inteiramente refundida e ampliada”. Falando do meu ponto de vista, sem ter me debruçado exaustivamente sobre os textos, parece-me que não foram “refundidas”, muito menos “inteiramente”, mas a segunda e a terceira edições são com certeza ampliadas em pontos importantes e revisadas em algum detalhe, sobretudo na posição adotada por Saul Martins com relação ao colega de corporação alferes Felão (Félix Rodrigues da Silva) e ao facinoroso coronel Rotílio Manduca, da Guarda Nacional, um dos piores inimigos da Coluna Prestes; acerca de Rotílio, nas páginas do *Grande sertão: veredas* (1956), Guimarães Rosa nos conta que era autor de uns duzentos homicídios.

O prefácio das três edições é particularmente esclarecedor, porém, pelo menos para aqueles que não conheceram pessoalmente Saul Martins (foi presidente da Comissão Mineira de Folclore), o texto “Gênese e organização deste livro”, que aparece apenas na terceira edição, revela para o leitor que a necessidade de entender o bandido-herói das barrancas são-franciscanas vinha da infância do antropólogo e folclorista. Saul contava dez ou onze anos quando foi passar férias na casa da sua irmã, que morava numa fazenda na margem oeste (esquerda) do São Francisco e teve ali a oportunidade de conhecer pessoalmente o bandido Antônio Dó. Saul Martins tem um certo escrúpulo de empregar o termo “bandido”, mas não cabe dúvida de que Antônio Dó era bandido. Mas era, já então, para ele, um super-herói, e as histórias que contavam acerca de Antônio Dó causavam no menino Saul, nascido em 1917, crescendo em Januária, a mesma impressão que causam nas crianças de hoje “as histórias em quadrinhos do tipo Super-Homem, Fantasma e Mandrake”.

Em 1928, quando teve a oportunidade de conhecer seu herói pessoalmente, Antônio Dó pernoitou na fazenda da sua irmã. Parece que o rosto do “severo bandido”, como é designado por Guimarães Rosa, ficou gravado na memória de Saul de forma indelével, pois vemos esse mesmo rosto, com barba longa, cheia e cara de mau, na capa das três edições. Cinco anos mais tarde, em 1933, cursando o se-

cundário na Escola Olegário Maciel, o garoto Saul começou a tomar nota das muitas histórias que ouvia. Anotava em folhas soltas e depois passava tudo a limpo num caderno. Em 1937, beirando os 20 anos de idade, ele já tinha preenchido dois cadernos inteiros “com notas relativas à vida do meu herói”. Em setembro desse mesmo ano, mudou-se para Belo Horizonte e assentou praça na Força Pública, que é hoje a Polícia Militar - PMMG. Nos próprios quadros da corporação, Saul encontrou cabos e sargentos que tinham participado das diligências contra Antônio Dó e preencheu, a partir dessas conversas, um terceiro “caderno escolar”. A partir de 1943, quando alcançou o grau de aspirante ao oficialato, Saul Martins teve acesso aos arquivos da corporação, “sobretudo livros-mestres de assentamentos e pastas de ofícios, cartas e memorandos expedidos e recebidos”. Somente no que dizia respeito a Antônio Dó, o jovem pesquisador recolheu dados que encheram as páginas de outros dois cadernos. Eram cinco no total.

Entre 1946 e 1948, Saul Martins passou a pesquisar sobre Antônio Dó no Arquivo Público Mineiro. Terminada essa etapa da coleta de dados, faltava dirimir as dúvidas suscitadas pelas versões contraditórias que corriam, o folclorista foi a campo e, ainda em 1948, esteve em “Jabuticaba, Mandins, Pandeiros, Vargem Bonita, Serra das Araras, São Joaquim, Palmital, São João da Ponte e Ibicaratu”, entre outros lugares. Ouviu, entre outros, “Juvêncio Gaia, a esposa dele e uma filha; Venço Gobira, Flora, Januário Caporra, Praxedinho, João Lopes Viana e Tonhô Viana”. Com oito cadernos de dados coletados, começou a redigir a biografia de Antônio Dó, que ficou pronta em 1949, mas foi publicada apenas dezoito anos mais tarde, meses após a obtenção de uma foto do temido bandoleiro, que Saul ainda não conseguira nesses 34 anos de pesquisa (1933-1967) e foi estampada na capa e no miolo da primeira edição.

Tenho da primeira edição do *Antônio Dó* uma cópia xerográfica cedida por outra pesquisadora desse enigmático personagem e não um exemplar *in volume*. Há poucos dias, no início deste mês de maio, tive um exemplar em mãos, quando visitava um bom amigo. Não era a primeira vez que tinha o livro em mãos, mas só então percebi que essa primeira edição vem acompanhada de um mapa um tanto tosco, mas exato, da região em que Antônio Dó atuou, com o nome das localidades que aparecem no texto. Trata-se de um desses mapas cuidadosamente dobrados, que acompanhavam os livros até a década de 1970 e hoje já não mais. O mapa está colado nas páginas finais do livro e não integra as duas outras edições, que, pelo menos nesse quesito, são “reduzidas” e não “ampliadas”.

Além do *Grande sertão: veredas*, onde o nome de Antônio Dó aparece repetidas vezes (já figurara em *Sagarana*, de 1946, do mesmo autor), o severo bandido

ARTIGOS

foi retratado em um romance histórico, *Antônio Dó - Bandoleiro das barrancas*, no qual eventos reais se misturam com situações fictícias, escrito pelo genial Manoel Ambrósio, também de Januária, e publicado postumamente em 1976 (Ambrósio falecera em 47). Mesmo não podendo, de forma alguma, ser considerado um bestseller, o *Antônio Dó* de Saul Martins, já em sua primeira edição, serviu de inspiração para a intelectualidade mineira. Saul Martins tornou palpável (historicizou) a figura do jagunço mineiro, que já tinha sido explorada pelo romance de Guimarães Rosa e por outros autores. Com o livro de Saul Martins, Minas Gerais ganhava seu próprio “Lampião”, o personagem sertanejo, por excelência, sempre histórico, ainda que mitificado, no qual se misturam tantos elementos aparentemente contraditórios: padecimentos, rebeldia, generosidade, coragem, astúcia, poder de mando, ganância, crueldade criminosa e magia. Sim, magia, pois os bandidos Lampião e Antônio Dó tinham o corpo fechado, ou seja, eram invulneráveis tanto a tiros quanto a golpes de arma branca.

Essa historização do personagem até então puramente mitológico (folclórico e literário) Antônio Dó impulsionou, sem dúvida, a publicação do *Antônio Dó* de Manoel Ambrósio, em 1976. Meses depois, em 77, Brasiliano Braz, autor nascido em Brasília de Minas, mas residente desde a infância em São Francisco, publicou um livro monumental, *São Francisco nos caminhos da história*, no qual Antônio Dó ocupa uma parte destacada. Dó aparece já na “História média” do município, mas é o tema central de um longo texto que ocupa cerca de quarenta páginas (368-409) intitulado “Antônio Dó à luz da história - Vida e morte do valente sertanejo”. O capítulo é dedicado a Saul Martins e às primeiras vítimas de Dó, os soldados Cirilo, Clarindo e o alferes João Batista da Força mineira, mortos ao caírem numa emboscada nas margens do Velho Chico (1913), quando perseguiram o sertanejo; os dois soldados baleados e o alferes afogado, tentando alcançar uma ilha no leito do rio. O livro de Brasiliano Braz, por sua vez, “provocou” tanto a filmagem do longa *O bandido Antônio Dó*, dirigido por Paulo Leite Soares e lançado em 1978 (hoje indisponível), quanto a segunda edição do *Antônio Dó* de Saul Martins, que veio a lume no ano seguinte.

O *Antônio Dó* de 1979 traz, portanto, as correções e os acréscimos sugeridos pelo livro de Brasiliano Braz, mas não chegam a ser numerosos. Saul Martins não era propriamente um historiador, resume as histórias e lendas que ouviu, preservando inclusive os diálogos de Antônio Dó com seus interlocutores e

até mesmo os rituais mágicos empregados, por exemplo, para matar Dó, apesar do corpo fechado. Embora não tivesse formação acadêmica, Brasiliano Braz era um historiador no sentido da palavra, além de homem público, enquanto Saul era coronel PM, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH-UFMG, no curso de Antropologia, além de ser um antropólogo atuante e um dos maiores folcloristas mineiros de todos os tempos. Não era, contudo, propriamente um historiador, até onde sei, e *Antônio Dó* é, sem dúvida, o seu trabalho mais histórico.

Os anos 1980 e 1990 trouxeram poucos aportes ao estudo sobre Antônio Dó. O severo bandido como que caiu no ostracismo, com algumas exceções notáveis no início dos anos 80: duas ou três canções do grupo Raízes, de música regional, gravadas num LP de 1981, falam de Antônio Dó e um artigo de Levínio Castilho, também de Januária, publicado no *Estado de Minas* da capital mineira, em 1982, estabelece a identidade entre Rotílio Manduca, mencionado e até retratado no *Grande sertão: veredas* e um dos personagens centrais do mesmo romance, o facinoroso Zé Bebelo. Depois de quase duas décadas de esquecimento, contudo, Antônio Dó voltou a ser objeto de interesse com a terceira edição do livro de Saul Martins, em 1997, ainda que a comercialização e/ou distribuição tenha sido relativamente restrita. Não é um livro fácil de encontrar, mesmo em bibliotecas; o que vale, aliás, para as três edições.

As mudanças da terceira edição do livro de Saul Martins estão sobretudo no capítulo sobre “Rotílio Manduca”, um dos piores inimigos de Antônio Dó. A identificação de Zé Bebelo com Rotílio, equacionada por Levínio Castilho, permite a compreensão de aspectos cruciais do *Grande sertão*, implicando, inclusive numa possível participação de Riobaldo (escamoteada em sua narrativa) nos infames Batalhões Patrióticos, que perseguiram a Coluna Prestes, e mesmo a associação da enigmática Diadorim a uma personagem histórica, a ajudante de ordens de Rotílio (aliás Zé Bebelo) no Batalhão que comandava, que talvez fosse a sua esposa Luzia. A esposa de Rotílio era uma exímia atiradora, conforme a própria filha do casal, Fidalma, contou a Saul Martins.

O livro *Antônio Dó* estava pronto, conforme vimos, desde 1949, mas foi o acesso a uma foto do herói, em 1967, que provocou, naquele mesmo ano, a publicação do texto. A publicação do livro de Brasiliano Braz, em 1977, entre outros trabalhos sobre Antônio Dó, foi determinante para a segunda edição, em 79. Foi um encontro providencial no bojo de um avião que ia de Rio Branco para Belo Horizonte, que provocou a terceira edição do livro, já então um clássico e já então difícil de encontrar. O artigo de Levínio (1982) abriu outras perspectivas para a compreensão de Rotílio, mas um novo horizonte foi vislumbrado quando Saul conheceu Fidalma Manduca de Oliveira (28 de junho de 1984) e marcou uma entrevista com ela para dali a

poucos dias. Num sábado, já no ano seguinte (13 de maio de 1985), Saul publicou o artigo “Rotílio Manduca” nas páginas do *Estado de Minas*, com as informações coletadas na entrevista, depois também incorporadas no capítulo da terceira edição de *Antônio Dó*.

O livro de Saul Martins continua sendo a principal fonte para o conhecimento acerca do “bandoleiro das barrancas”, mas Brasiliano Braz é também indispensável. O texto de Saul Martins tem a vantagem de incorporar a sabedoria popular com uma narrativa mais leve, em parte por ser romanceado, ao contrário da prosa um tanto seca de Braz. O trabalho de Braz tem a desvantagem de ter sido impresso em papel de péssima qualidade (as folhas se quebram quando dobradas), foi mal encadernado e é ainda mais raro que o livro de Saul Martins. Após a terceira edição, novos trabalhos acerca de Dó vieram a lume: o romance histórico *Serrano de Pilão Arcado*, por exemplo, do juiz Petrônio Braz, filho de Brasiliano, com duas edições em 2006 e 2011, além das dissertações de mestrado em História de Rejane Meireles (2004) e de Marcela Lima (2006), entre outras pesquisas. Quando estudei a violência da política sertaneja, por intermédio do corpo fechado, tive oportunidade de também contribuir, ainda que muito modestamente, para o estudo desse personagem fantástico, sem deixar de ser histórico, que era Antônio Antunes de França Dó, natural de Pilão de Arcado, comandante dos temidos jagunços Serranos (de Serra das Araras, hoje Chapada Gaúcha).

Mesmo refundindo suas ideias e princípios ao longo das três edições do Antônio Dó, o herói da infância permaneceu enigmático para o antropólogo Saul Martins. Na trajetória do bandido sertanejo, o pesquisador e oficial de carreira da PM parece enxergar uma inversão dos seus valores: o bandido defende causas justas, o policial Felão promove uma chacina de civis (*Vargem Bonita*, 1913) e faz outras crueldades, e, ainda que somente na terceira edição, o próprio Rotílio Manduca, autor de incontáveis homicídios, ganha feições humanas. Reside aí, nessa humanização dos tiranos e dos criminosos, própria da história (isenta de julgamentos, tanto quanto possível), a equação que o antropólogo não soube resolver, mas que era clara, contudo, para o cronista Brasiliano Braz, que, mesmo sem formação universitária, tinha alma de historiador e estava, ele próprio, emaranhado na política partidária interiorana. Além do cientificismo do antropólogo, que embota uma percepção clara, falava alto, no peito do pesquisador Saul Martins, o espírito de corporação.

O fascínio que Lampião, Antônio Dó e outros bandidos célebres exercem sobre o imaginário brasileiro continua merecendo uma explicação cabal. Não se pode esquecer que nossos antepassados estavam inseridos num contexto colonial bastante cruel, que incluía a escravidão, ao lado do massacre puro e simples da população indíge-

na. Muitos eram os bandidos, degredados, piratas, contrabandistas, garimpeiros ilegais e quilombolas; as autoridades eram ainda mais inescrupulosas que os criminosos fora-dalei, conforme se vê no “Sermão do bom ladrão” do padre Antônio Vieira e na rede de delação institucionalizada pela Inquisição, com seus visitantes e familiares. Se a máxima “Cada povo tem o governo que merece” ainda vale alguma coisa, diante do noticiário dos últimos dias, podemos pressupor que somos um povo de bandidos, ou, pelo menos, uma gente muito interesseira e inescrupulosa. Se queremos um Brasil melhor para nossos filhos e netos, temos que começar pela eliminação do “corrupto” interior, que o brasileiro carrega, não apenas os eleitos, mas também o eleitor. Quando um candidato promete, por exemplo um emprego para o sobrinho, ou afilhado, de alguém, a família em peso vota nele.

Obviamente, não estava entre os objetivos de Saul Martins legitimar os crimes e malfeitos de Antônio Dó, ainda que resista a aplicar o termo “bandido” ao valente sertanejo. Tampouco era esse o objetivo de Brasiliano Braz nem é o nosso aqui. Temos, contudo, que levar em conta toda uma série de contingências que fazem a pessoa optar por um dos lados lei, sem que seja necessariamente melhor, ou pior, que aquela que faz a opção oposta. Ou seja, o policial de hoje pode se tornar um bandido amanhã e um bandido, ainda que tenha sofrido injustiças, pode se arrepender dos atos que cometeu e se tornar um cidadão digno. Certamente nem Antônio Dó nem Lampião se arrependeram da vida de crimes que levavam, até serem mortos, o primeiros pelos próprios companheiros e o segundo pela polícia. O certo é que não nos cabe julgar os demais, pois “ninguém é melhor do que ninguém” e “o futuro a Deus pertence”.

A título de post-scriptum, faço duas sugestões duplas: 1) uma quarta edição para o *Antônio Dó* de Saul Martins bem como uma segunda edição do *São Francisco nos caminhos da história* de Brasiliano Braz; a justificativa é simples, são dois clássicos indisponíveis; 2) fazer um levantamento dos oito “cadernos escolares”, que contêm (se ainda existem), ou continham (se não mais), os levantamentos que, desde a adolescência, Saul fez acerca do severo bandido. “Um passo de cada vez”, bem sei, mas pode ser o caso de se publicar postumamente esse levantamento, essa primeira pesquisa histórica e antropológica do mestre Saul Martins.

Pedra Azul,
25 e 26 de maio de 2017

REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, Manoel. *Antônio Dó - O bandoleiro das barrancas*. Januária: Prefeitura Municipal; Lion's Club, 1976.
- BRAZ, Brasiliano. *São Francisco nos caminhos da história*. São Francisco: [edição do autor] 1977.
- BRAZ, Petrônio. *Serrano de Pilão Arcado - A saga de Antônio Dó*. 2ª ed, Ipatinga: Saramandaia, 2011.
- CASTILHO, Levínio da Cunha. "Zé Bebelo - Condinome Rotílio Manduca, matador do Grande sertão". in *Estado de Minas*. Belo Horizonte: Diários Associados [recorte sem data nem numeração de página, 1982].
- LIMA, Marcela Telles Elian de. *Pelas margens do São Francisco - A trajetória histórica e ficcional de Antônio Dó*. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, 2006.
- MARTINS, Saul. *Antônio Dó - A história verídica de uma jagunço famoso*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967.
- _____. *Antônio Dó*. 2ª ed, Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- _____. *Antônio Dó*. 3ª ed, Belo Horizonte: SESC-MG, 1997.
- _____. "Rotílio Manduca". in *Estado de Minas*. Belo Horizonte: Diários Associados, sab, 13 mai 1985, 2ª Seção, p. 8.
- RODRIGUES, Rejane Meireles do Amaral. *Antônio Dó - Um bandido social das margens do São Francisco (1910-1929)*. Uberlândia: Instituto de História-UFU, 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- _____. *Sagarana*. 28ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANTIAGO, Luís. *O mandonismo mágico do sertão - Corpo fechado e violência política nos sertões da Bahia e de Minas (1856-1931)*. Pedra Azul: [edição do autor] 2015.
- SILVA, Olegário Venceslau da. *Mestres do folclore brasileiro*. Maceió: CEPAL, 2016 [biografia sucinta de "Saul Martins" e de "Manoel Ambrósio





CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore
– CMFL

Número 04 -17– Outubro - Dezembro 2017.

Acessível em

www.folcloreminas.com.br

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza, Antônio Henrique Weitzel, Carlos Ceza e Arquivo CMFL

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Agradecimentos:

**Prefeitura Municipal de Belo Horizonte -
Fundação Municipal de Cultura**



Diretoria da CMFL - 2014 - 2017

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edméia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia



IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: comissaomineiradefolclore2016@gmail.com